

Aproveitamento hidroeléctrico de Algoso – Senhora da Assunção

Estudo de Impacte Ambiental

Descriptor Património



Lara Bacelar Alves

Outubro de 2014

1. Introdução

Na sequência da solicitação dirigida pela empresa HIDROERG, Projectos Energéticos, Lda., para a elaboração do Descritor de Património do Estudo de Impacte Ambiental do Aproveitamento Hidroeléctrico de Algoso – Sra da Assunção, procedemos à execução do programa de trabalhos cujos resultados ora relatamos.

A realização deste projecto surge, então, no seguimento da adjudicação por parte da empresa acima referida, pelo que se submeteu à tutela, a 30 de Julho de 2014, Pedido de Autorização para Trabalhos Arqueológicos e respectivo Plano de Trabalhos, deferido pela Direcção Geral do Património Cultural, nos termos da Lei (Lei nº 107/2001, de 8 de Setembro, Decreto-Lei nº 164/97, de 27 de Junho Decreto-Lei nº 270/99 de 15 de Julho – Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos – com as alterações que lhe foram introduzidas pelo Decreto-Lei nº 287/2000 de 10 de Novembro; Decreto-Lei nº 114/2012 de 25 de Maio) mediante Ofício nº S-2014/348824 (C.S.:963196), de 27 de Maio.

A incidência deste estudo prende-se com o reconhecimento, identificação e avaliação do valor patrimonial dos sítios arqueológicos directa ou indirectamente afectados pelo projecto do «Aproveitamento Hidroeléctrico de Algoso – Sra da Assunção», procurando verificar a eventual ocorrência de impactes negativos sobre bens patrimoniais, o que permitirá, aprioristicamente, preconizar medidas de minimização com vista à sua salvaguarda. O descritor patrimonial do EIA visa, em suma, criar um quadro de referência dos bens culturais existentes na área a afectar pelo projecto em apreço.

O presente relatório descreve as acções de trabalho de campo efectivamente realizadas e sintetiza os seus resultados. Contém uma caracterização geral dos sítios de interesse arqueológico e património classificado na área de estudo e sua contextualização espacio-temporal, uma descrição das áreas prospectadas e das ocorrências patrimoniais assinaladas *ex novo* na zona de incidência do projecto, aferição do seu valor patrimonial, avaliação de impactes e preconização de medidas de minimização dos mesmos.

Deve referir-se que um primeiro relatório desta componente foi entregue em Julho de 2006 ao IPA, tendo sido aprovado em 9 de Novembro de 2006 (ofício 16363). Todavia, o promotor do AHE de Algoso, em 2007.05.11, desistiu do Processo de Avaliação Ambiental então em curso (processo n.º 1578), promovendo uma alteração na localização do açude, através da sua deslocação cerca de 90 m para montante em relação à localização constante do EVTE original; o açude manteve, todavia, a cota dos muros de ala e, assim, o NMC da albufeira permaneceu inalterado. Esta alteração teve como consequência uma pequena redução no comprimento do açude e a diminuição da dimensão da albufeira por ele gerada, mantendo os restantes componentes do projecto a sua configuração original.

No âmbito desse projecto, desenvolvido sob a responsabilidade científica da signatária, foram identificadas as ocorrências de interesse arqueológico, histórico e etnográfico na área a afectar, directa ou indirectamente, pelos principais componentes do empreendimento, bem como efectuada a avaliação do seu valor patrimonial. O trabalho de campo decorreu no ano de 2006, o relatório foi aprovado em 2007 pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA).

Ulteriores alterações ao projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico exigiram que fosse elaborado novo EIA e, conseqüentemente, um novo relatório técnico-científico do Descritor “Património” e respectivo trabalho de campo. O novo projecto, da responsabilidade da mesma empresa, é designado Aproveitamento Hidroeléctrico de Algosó – Sra. da Assunção. O plano que trabalhos arqueológicos que agora se executou em 2014 enquadra-se neste contexto e visou a actualização do inventário, avaliação e reconhecimento, no terreno, das condições actuais de conservação dos sítios arqueológicos constantes no anterior quadro de referência e área envolvente.

Conforme abaixo se expõe, as alterações do presente projecto relativamente ao AHE de Algosó de 2006 não são substanciais no que concerne às características e localização dos principais componentes do empreendimento (Fig. 1). O actual projecto contempla um açude de menores dimensões comparativamente ao previsto anteriormente e, em consequência, a área a afectar pelo regolho da albufeira é menor quer ao nível do Nrn, quer do NMC (Fig. 2). As principais alterações respeitam à implantação do ramal de ligação à rede eléctrica, sendo se o actual projecto contempla e cartografa um traçado provisório distinto das alternativas propostas anteriormente, à localização de outros acessos rodoviários e áreas de implantação de estaleiro e escombrelas, assim como ao enterramento do troço inicial do ramal de ligação à rede linha eléctrica nacional na saída da central hidroeléctrica (Fig. 3).

1.1. Descrição do projecto e das suas áreas de incidência

O Aproveitamento Hidroeléctrico de Algosó - Senhora da Assunção localizar-se-á administrativamente nas freguesias de Algosó, concelho de Vimioso e nas freguesias de São Martinho do Peso, Saldanha, Castanheira e Sanhoane, no concelho de Mogadouro, pertencentes ao distrito de Bragança.

O empreendimento destina-se à produção de energia eléctrica em regime de exploração a fio-de-água, aproveitando os caudais disponíveis no Rio Angueira, no seu curso médio. O AHE de Algosó - Senhora da Assunção comporta uma série de infra-estruturas (Fig. 1) projectadas para distintas unidades fisiográficas na paisagem.

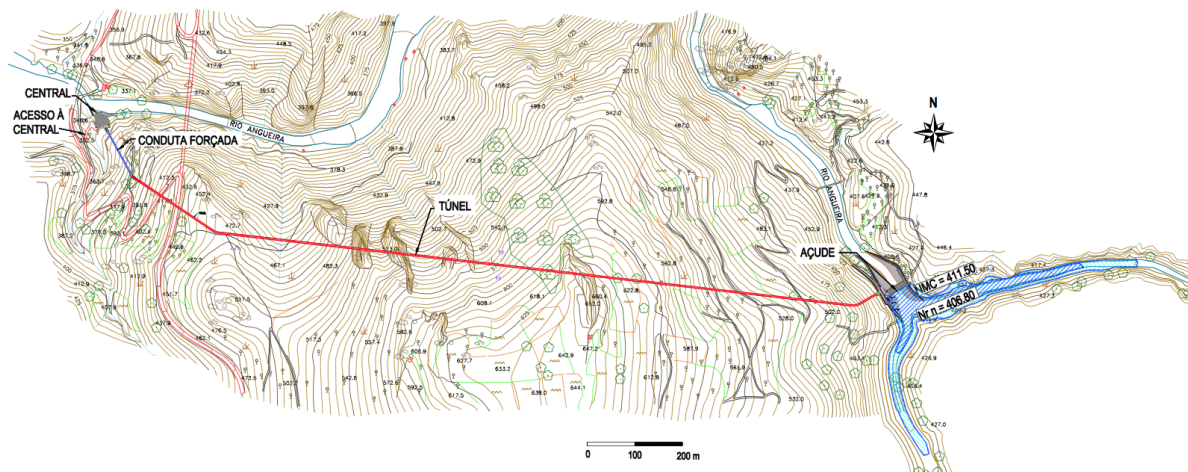
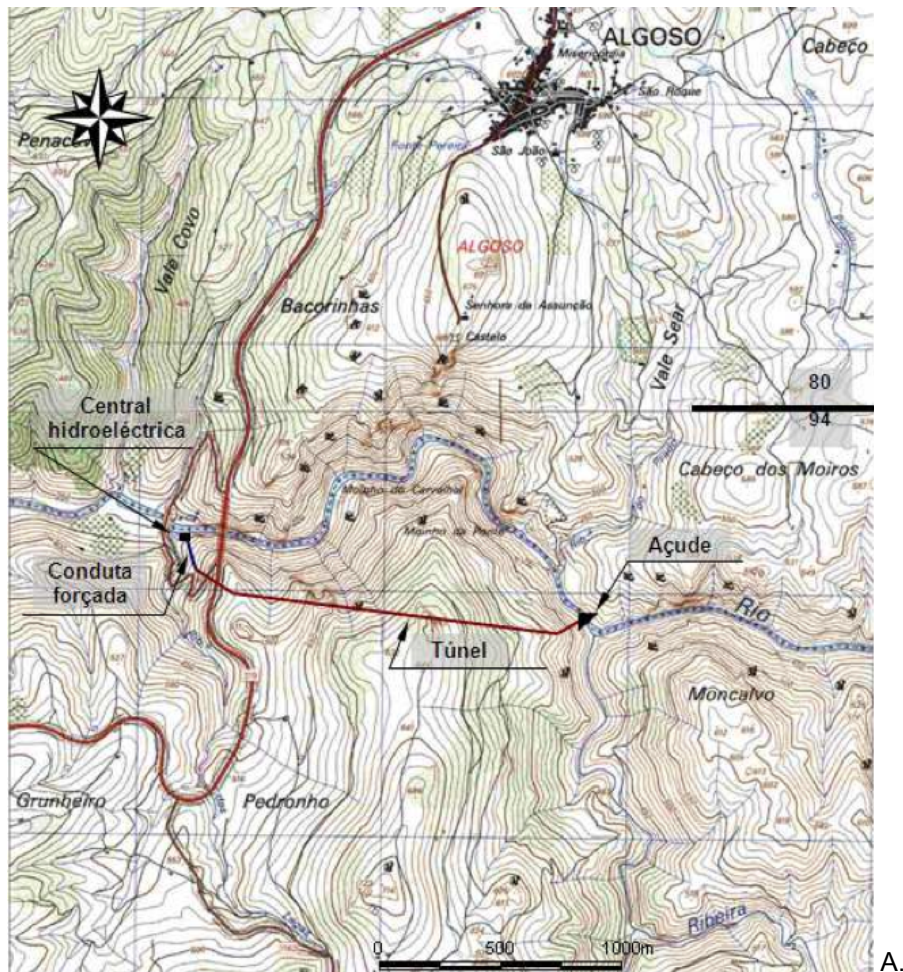


Fig. 1 - Representação esquemática do circuito hidráulico projectado para o Aproveitamento Hidroeléctrico de Algos – Sra. da Assunção. A. Implantação cartográfica na CMP - Escala 1/25 000 (folhas n.º 80 e 94); B. Planta geral do circuito hidráulico. (*in* Estudo de viabilidade técnico-económica do AHE de Algos - Sra da Assunção, Hidroerg, Projectos Energéticos- 2014).

São componentes do empreendimento e infra-estruturas associadas:

- a) **Açude** em betão com altura de 3.8 m, entre o leito do rio e a crista da soleira descarregadora à cota do Nrm = 406.80. A estrutura encosta-se às margens do rio Angueira, numa zona relativamente encaixada do vale. De acordo com EVTE localização do açude foi recuada relativamente ao anterior projecto de forma a situar-se a mais de 260m da Ponte de Algosó, minimizando assim o impacto visual provocado pela sua construção. A **albufeira** criada terá um volume de armazenamento para a cota do Nrn de 25.4 hm³ e inundará um troço do Rio Angueira e do seu afluente da margem esquerda, a Ribeira da Ponte de Pau. Ao longo do rio, a albufeira desenvolve-se cerca de 450m para montante do açude tendo em conta o Nrn (à cota de 406.80) e de 550 m atendendo ao Nível de Máxima Cheia - NMC (411.5) dois metros acima do nível actual da cheia centenária. No troço da Ribeira da Ponte de Pau, a albufeira desenvolve-se linearmente cerca de 50 m para montante do açude tendo em conta o Nrn e de 300 m atendendo ao Nível de Máxima Cheia - NMC.

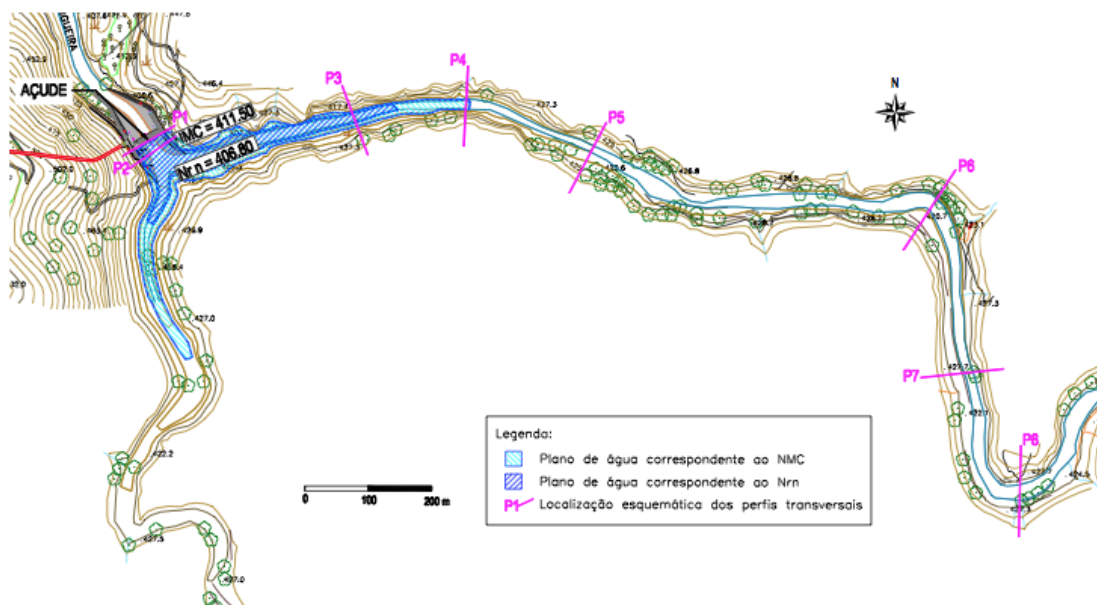


Fig. 2 - Planta geral da albufeira (*in* Estudo de viabilidade técnico-económica do AHE de Algosó - Sra da Assunção, Hidroerg, Projectos Energéticos- 2014).

- b) **Túnel** que se desenvolve, a partir de uma tomada de água submersa na margem esquerda do rio Angueira, ao longo de 1.615 m, terminando em **conduta forçada**, instalada ao ar livre, com 150 m de comprimento que conduz à central desde a cota 333.65 à 385,00, de acordo com o exposto no EVTE;
- c) **Central hidroeléctrica** situada junto ao leito do Rio Angueira, na sua margem esquerda, à cota 338.50. O edifício ocupará uma área de 16.9x27.7 m³, próximo da coordenada M= 128,75 P= 199,47.
- d) **Ramal de ligação à rede eléctrica nacional**. O EVTE indica que foram estudadas diversas alternativas para o traçado do ramal de ligação à rede eléctrica com ponto de

interligação no PT da Granja, tendo sido finalmente feita a opção por um traçado mais longo com interligação a sul de Sanhoane, conforme representado na Fig. 3.

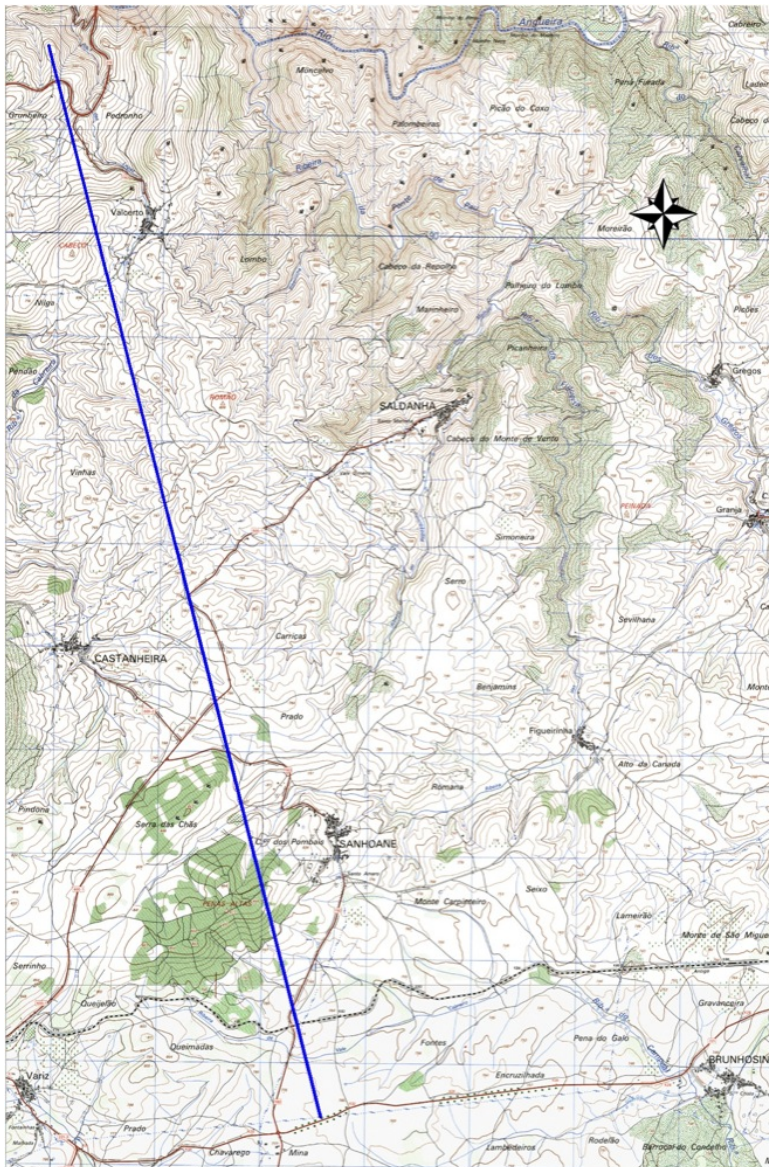


Fig. 3 - Representação esquemática do traçado do ramal de ligação à rede eléctrica nacional. Implantação cartográfica na CMP - Escala 1/25 000 (folhas n.º 80, 94 e 108) (in Estudo de viabilidade técnico-económica do AHE de Algosó - Sra da Assunção, Hidroerg, Projectos Energéticos- 2014).

e) Os **acessos** rodoviários aos diversos componentes do empreendimento aproveitarão em grande medida os caminhos existentes que serão objecto de beneficiação, regularização do pavimento, rectificação de pequenos troços e prolongamento. O acesso à zona do açude pela margem direita utilizará o caminho existente que parte de Algosó. Contudo, no que respeita ao acesso pela margem esquerda (que inclui o acesso ao emboquilhamento montante do túnel) é preconizada a utilização do caminho que conduz desde Valcerto à ponte de Algosó que coincide precisamente com a calçada medieval, sendo que se propõe ainda a rectificação de troços na

encosta sobranceira ao Rio Angueira, junto da ponte. Sugere-se a possibilidade de construção de uma passagem provisória do rio muito próximo do açude. Na zona da central hidroeléctrica, conduta forçada e emboquilhamento jusante do túnel está previsto a beneficiação do acesso a partir do caminho existente que conduzia à antiga ponte sobre o Angueira, sendo apenas necessária a construção de um pequeno troço de 40 m junto ao rio.

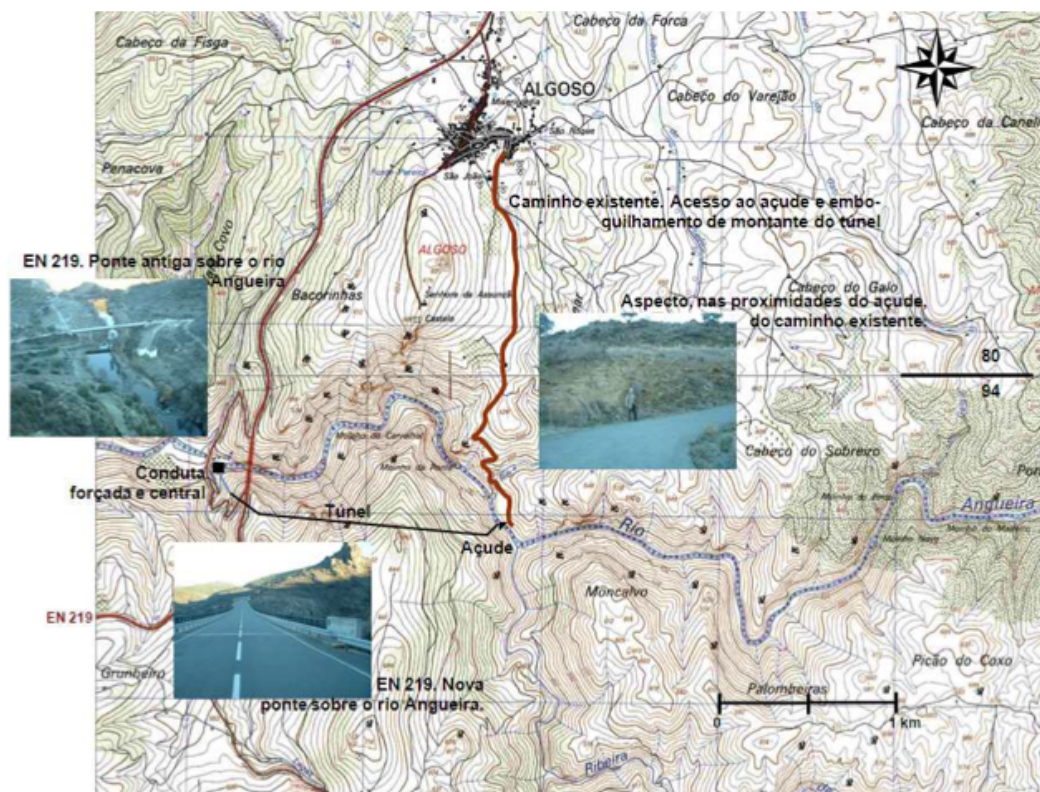


Fig. 4 - Representação dos acessos projectados no âmbito da implementação do o Aproveitamento Hidroelétrico de Algozo – Senhora da Assunção, na margem direita do rio Angueira (extracto da CMP - Escala 1/25 000 (folhas n.º 80 e 94) (*in* Estudo de viabilidade técnico-económica do AHE de Algozo - Senhora da Assunção, Hidroerg, Projectos Energéticos- 2014).

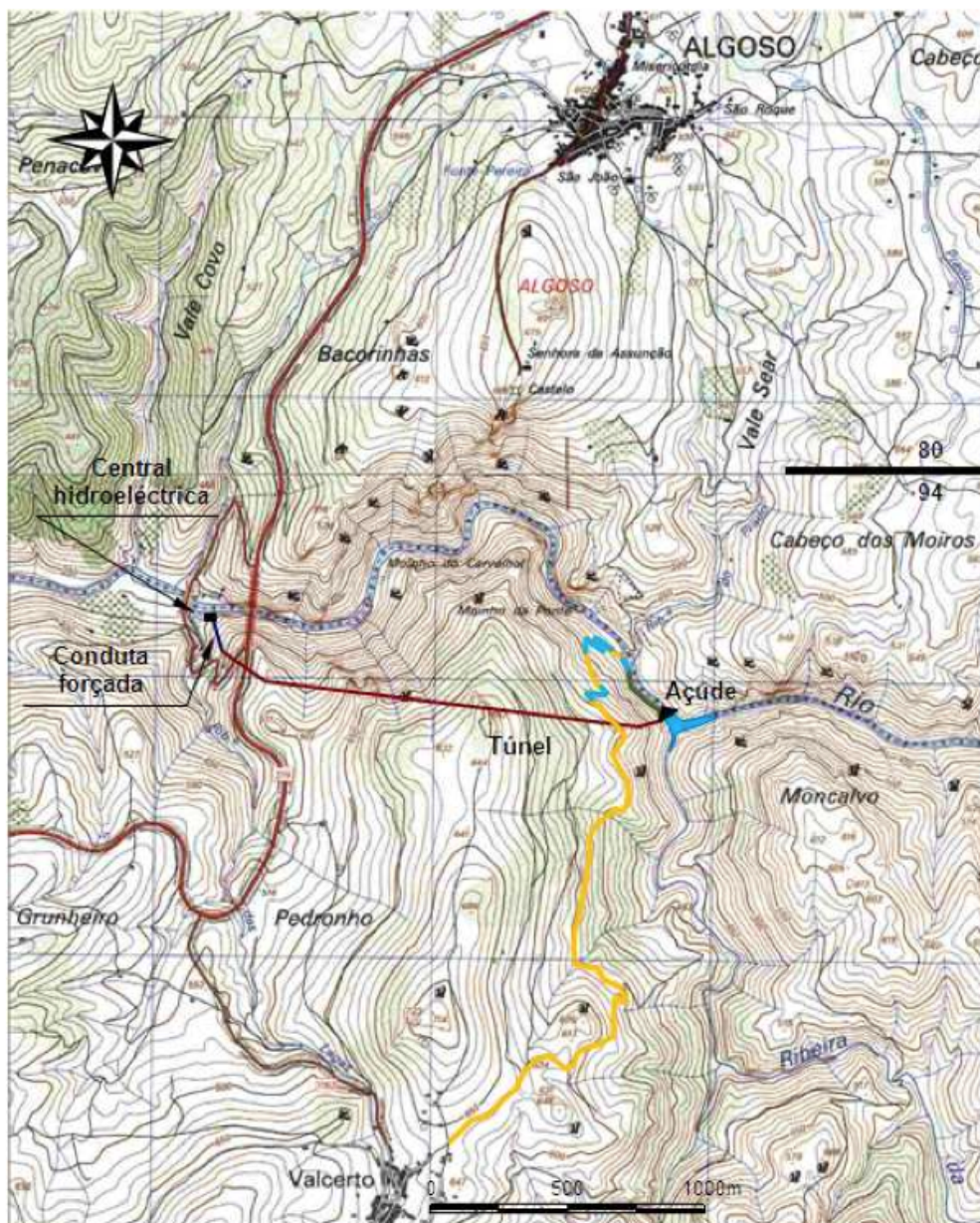


Fig. 5 - Representação do acesso projectado no âmbito da implementação do o Aproveitamento Hidroeléctrico de Algosó – Senhora da Assunção, na margem esquerda do rio Angueira. A amarelo, caminho existente, a azul, trechos a rectificar, a verde prolongamento a executar (extracto da CMP - Escala 1/25 000 (folhas n.º 80 e 94) (in Estudo de viabilidade técnico-económica do AHE de Algosó - Senhora da Assunção, Hidroerg, Projectos Energéticos- 2014).

f) Escombreiras e estaleiro. A implantação do estaleiro está prevista para uma zona na periferia da povoação de Algosó. Planeou-se a instalação de duas escombreiras cuja localização foi sugerida pela autarquia a poente de Algosó e duas outras próximas do rio. Junto da central, na margem esquerda do rio Angueira e, na zona do açude, está prevista uma escombreira associada ao arranjo dos acessos rodoviaros, na zona baixa da encosta da margem direita, entre o açude e a ponte e calçada medievais.

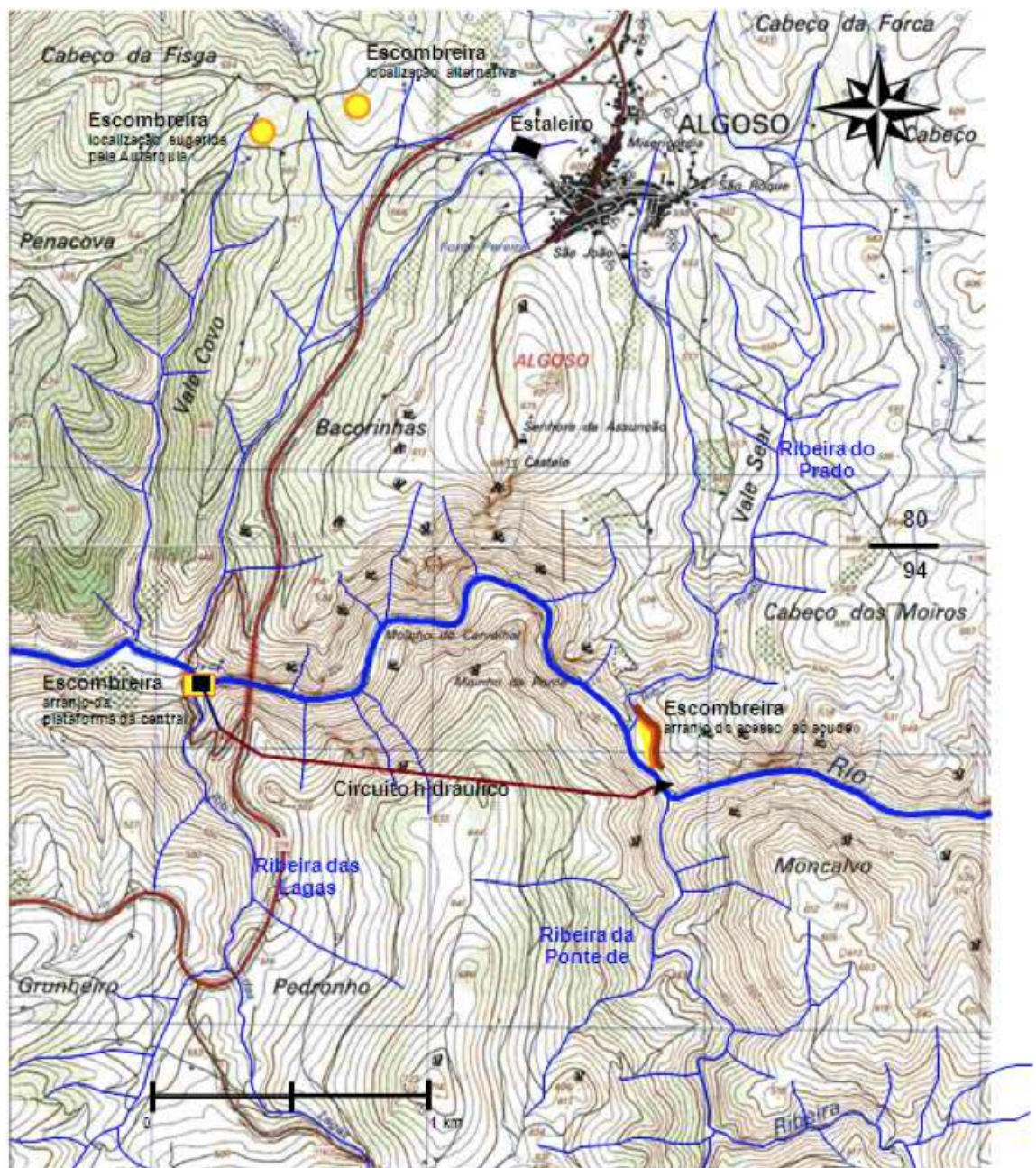


Fig. 6 – Localização das escombreira e estaleiro projectados no âmbito da implementação do o Aproveitamento Hidroeléctrico de Algosó – Senhora da Assunção (extracto da CMP - Escala 1/25 000 (folhas n.º 80 e 94) (in Estudo de viabilidade técnico-económica do AHE de Algosó - Senhora da Assunção, Hidroerg, Projectos Energéticos- 2014).

2. Acções realizadas face aos objectivos propostos

No Plano de Trabalhos que acompanhou o Pedido de Autorização para Trabalhos Arqueológicos preconizámos os seguintes objectivos para este projecto:

1. Estudo prévio - Pesquisa bibliográfica e documental, consulta dos inventários patrimoniais da DGPC (Endovélico – <http://arqueologia.igespar.pt/>; www.monumentos.pt); análise toponímica e fisiográfica da cartografia da área a afectar pelo empreendimento;
2. Registo patrimonial e prospecção do terreno, aferição do estado de conservação dos principais sítios arqueológicos inventariados; registo fotográfico; georeferenciação de sítios identificados *ex novo*. Relocalização e registo dos sítios de interesse patrimonial situados na envolvente imediata da área de implantação dos componentes do circuito hidráulico; prospecção arqueológica sistemática e selectiva nas áreas de incidência directa de todas as alternativas de localização dos componentes do projecto, visando:
 - 2.1. ambas as margens do Rio Angueira e Ribeira da Ponte de Pau ao longo da extensão prevista para a **albufeira** da açude até à cota do nível de máxima cheia (NMC: 411.5);
 - 2.2. área de implantação da **central hidroeléctrica** e do troço enterrado do ramal de ligação à rede eléctrica;
 - 2.3. emboquilhamento de onde parte a **conduta forçada** e sua total extensão (150m);
 - 2.4. prospecção selectiva centrado no(s) traçado(s) proposto(s) para o ramal de **ligação à rede eléctrica nacional**;
 - 2.5. ao longo das possíveis zonas de beneficiação, restabelecimento ou prolongamento da **rede viária**, nomeadamente dos acessos à zona do açude (desde a aldeia de Algosó) e à central.
 - 2.6. Áreas de implantação do **estaleiro** e **escombreyras**.
3. Redacção de relatório técnico-científico - embora se tenha por base o documento aprovado em 2007, contemplam-se o registo das observações e informações adicionais recolhidas nos trabalhos de campo, novo registo fotográfico, uma actualização do quadro de referência no caso de se verificar necessário e nova documentação cartográfica em conformidade com o actual projecto do AHE de Algosó- Senhora da Assunção.

Foram genericamente cumpridos os objectivos propostos, apenas condicionados ocasionalmente pelas condições naturais nas áreas prospectadas, nomeadamente pela densidade da vegetação arbustiva em determinadas zonas, como se descreve em secção própria.

Deve ressaltar-se ainda que no âmbito das prospecções realizadas em 2006 e 2014 foram prospectados três traçados alternativos para a implantação do ramal de ligação à rede eléctrica nacional, todos eles provisórios, à semelhança do que se apresenta no actual EVTE que, tendo sido delineado em fase ulterior aos trabalhos de campo realizados não foi objecto de prospecção selectiva em toda a sua extensão. Por se tratar de um esboço preliminar que poderá ser ainda alterado, propõe-se adiante que a prospecção sistemática seja realizada após a definição final do traçado.

2.1. Períodos de realização efectiva das acções

Período de execução dos trabalhos	
Estudo prévio	Setembro 2014
Trabalho de campo	Setembro 2014
Redacção de relatório técnico	Outubro 2014

2.2. Equipa técnica

O trabalho de campo foi realizado pela signatária (LBA), Doutora em Arqueologia, com especialização em Arte Rupestre. À signatária e responsável pelo projecto coube ainda a elaboração do estudo prévio e relatório técnico-científico.

3. Metodologia

Avaliada a implantação dos diferentes componentes do AHE de Algosó - Senhora da Assunção, e a sua área de afectação, delimitou-se em suporte cartográfico as áreas sobre as quais viriam a incidir as acções de prospecção arqueológica. Ao longo da área a afectar pela albufeira, definiu-se um corredor de ca. de 250m centrado nas linhas de água – Rio Angueira e Ribeira da Ponte de Pau – no qual incidiu a prospecção sistemática. Contudo, este corredor foi reduzido para 100m na zona entre o Nrn e o NMC visto a área inundada ser, evidentemente, menor. É de salientar que não foi possível prospectar a zona mais encaixada do vale onde o rio corre entre escarpas rochosas que confinam directamente com o seu leito (cf. ANEXO 1 Carta das áreas prospectadas). Percorreu-se, na íntegra, as áreas de implantação e envolventes da central hidroeléctrica e conduta forçada. Relativamente aos sítios arqueológicos inventariados nas bases de dados patrimoniais, mereceram visita de reconhecimento e registo no quadro de ocorrências do presente projecto todos aqueles que se inseriam a uma distância de 250m dos componentes do AHE de Algosó - Senhora da Assunção.

Com efeito, a prospecção arqueológica realizada em 2006 visou a totalidade da área prevista para a implantação dos componentes do AHE de Algosó que coincidem com o actual projecto: central hidroeléctrica, conduta forçada, açude e albufeira cujas dimensões são actualmente menores. A informação adicional que o EVTE do empreendimento do AHE de Algosó – Senhora da Assunção integra relativamente ao projecto precedente permitiu executar trabalhos arqueológicos nas demais áreas de afectação, nomeadamente ao longo dos troços dos caminhos a rectificar, abrir e beneficiar, nas zonas prevista para a instalação de escombreyras e estaleiro.

A metodologia geral adoptada teve por base uma prévia caracterização geomorfológica do terreno na área a afectar pela implementação dos componentes do projecto, mediante análise da cartografia disponível e da informação documental contida nos inventários patrimoniais e bibliografia existente.

A prospecção foi executada mediante a definição de corredores lineares. Registaram-se os vestígios de cariz arqueológico, estruturas construídas e/ou áreas de dispersão de material arqueológico. As ocorrências mereceram um registo de base que consistiu na sua georeferenciação feita através de um aparelho GPS portátil, inventariação, descrição sumária, em caderno de campo, e registo fotográfico. O acervo fotográfico integral é apresentado em formato digital (v. CD-Rom em anexo) e em papel conforme o regulamentado.

Apenas na área de implantação do traçado preliminar do ramal de ligação à rede eléctrica nacional foram cartografados os sítios arqueológicos inventariados na base de dados Endovélico, preenchidas as respectivas fichas de ocorrência com as referências e descrição nela contida (fichas 30 a 38).

Foi recolhido espólio lítico e cerâmico nos sítios arqueológicos identificados *ex novo* sempre que este não oferecia dúvidas quanto à sua atribuição, ou se se tratavam de achados isolados não correlacionáveis directamente com áreas de dispersão de material arqueológico. O espólio recolhido durante as prospeções realizadas em 2006 foi entregues, em mão, na Extensão Territorial de Macedo de Cavaleiros do então Instituto Português de Arqueologia onde se encontram em depósito. Em casos pontuais, o espólio foi descrito e fotografado *in loco* e deixado no local. O acervo material é apresentado no contexto da inventariação das novas ocorrências. As Fichas de Sítio foram elaboradas de acordo com as disposições constantes no *Thesaurus* para o Endovélico. Em 2014 não foram recolhidos materiais arqueológicos.

Descreve-se, seguidamente, o desenvolvimento do trabalho de campo, com menção às condições em que decorreu a prospecção, caracterização fisiográfica das áreas percorridas e descrição das novas ocorrências patrimoniais.

4. Estudo prévio

4.1. Caracterização geográfica e fisiográfica da área em estudo – o quadro natural

O AHE de Algosó - Senhora da Assunção e suas distintas componentes foram projectadas para aproveitamento do caudal do Rio Angueira, importante tributário do Maçãs e do Sabor. A área abrangida pelo presente estudo inscreve-se numa ampla e elevada planura interrompida e moldada por vales profundos, que revela uma «paisagem limpa, ora dilatada, ora aconchegada», pontuada por desfiles de «ribas grandiosas e desnudas» (Guia de Portugal, vol.V, Tomo II). Na orla oriental da Terra Quente

Transmontana e na orla do planalto Mirandês, as freguesias de Algosó (Vimioso) e São Martinho do Peso (Mogadouro), embora apartadas administrativamente pelo curso do Angueira, oferecem características fisiográficas muito similares. Desde o topo do Cabeço ou do alto do Castelo de Algosó é clara, à distância, a contígua paisagem onde as colinas de perfil suave imprimem alguma textura e volume ao dilatado relevo planáltico e à vastidão dos campos agrícolas. Esta «mole ondulação do terreno onde se perde o sentimento de altitude», como escreveu Orlando Ribeiro (1963:163), é apenas interrompida por vales, profundos, como o do Rio Angueira, irrigado por ribeiras que guardam, aconchegadas, raras e frondosas galerias ripícolas como a que se estende pelas margens das Ribeiras de Repasquinho e Figueira, próximo de Saldanha.

De forma característica, os terrenos agrícolas estendem-se pelas áreas mais elevadas, em suaves cabeços onde a sucessão de olival, campos de trigo e centeio, e as parcelas em pousio, conferem à paisagem uma variedade de padrões, texturas e cores, tão típica do nordeste transmontano. Nas vertentes mais baixas e próximas dos aglomerados populacionais surge a vinha e nos lameiros cria-se gado grosso. Trata-se de uma paisagem marcada pela cuidada acção humana, essencialmente agrícola, com forte carácter e identidade.

O vale do Angueira, que se estende-se quase linearmente de norte para sul, no curso médio do rio, inflecte bruscamente para ocidente descrevendo pronunciada curva entre as elevações de Porto Mourisco, a norte, e Pena Furada, a sul. Seguindo o novo rumo que o conduz à confluência com o Rio Maças, abandona as formações xisto-grauváquicas mais brandas e corre encaixado entre bastiões de quartzitos, rochas muito metamorfizadas caracterizadas por fortes enrugamentos que lhes confere uma textura irregular. Na área em estudo, correspondente à albufeira projectada, o caudal do rio, de curso linear, atravessa uma faixa do complexo vulcano-silicioso onde as formações quartzíticas impõem um recorte abrupto ao vale, com agrestes encostas rochosas e escarpas entre a curva de inflexão acima mencionada até próximo da confluência com a Ribeira da Ponte de Pau. Contudo, a montante e a jusante daquele «canyon», sempre que as margens apresentam maior sedimentação ou encaixe mais suave aparecem socalcos agrícolas, quase exclusivamente destinados ao plantio de oliveira.

4.2. Enquadramento histórico-arqueológico

O acervo patrimonial correspondente aos bens imóveis e aos sítios arqueológicos identificados nas freguesias onde se inscrevem os diversos componentes do AHE de Algosó - Senhora da Assunção, resulta, em grande medida, da soma de informações provenientes de fontes que assentam fundamentalmente em trabalhos de inventariação à escala regional (Alves, 1934; Sande Lemos, 1996). Perante a riqueza patrimonial que o elevado número de elementos patrimoniais registados e a boa preservação da paisagem deixa adivinhar, é notória a ausência de trabalhos de investigação quer continuada, quer mesmo pontual, com a honrosa excepção das intervenções arqueológicas realizadas no Castelo do Algosó. O acervo actual assenta ainda no exaustivo trabalho de registo levado a cabo pelo Abade de Baçal nas primeiras décadas do século XX (1934) que serviu de base às subsequentes sínteses

regionais (1975, 1985) e trabalhos académicos (Sande Lemos, 1993). Desde os finais da década de 1980 e de 1990, época em que proliferam os projectos de investigação no nordeste de Portugal, esta área mantém-se largamente apartada da pesquisa científica e não parece ter havido a necessária continuidade dos trabalhos de prospecção anteriores, nomeadamente a realização de prospecções sistemáticas de terreno, sondagens ou escavações arqueológicas. Saliente-se, no entanto, o importante trabalho de relocalização dos sítios arqueológicos, actualização do inventário e monitorização desenvolvido pela extensão de Macedo de Cavaleiros do então IPA e as intervenções arqueológicas que antecederam o exemplar projecto de valorização e conservação do Castelo de Algosó, a cargo da empresa Arqueologia e Património e promovida pelo IPPAR.

Os restantes sítios arqueológicos inventariados permanecem no seu isolamento e anonimato, à excepção talvez do Castelo dos Mouros, do Lombo do Ouro, ou da Torre de Saldanha onde a presença de vestígios antigos se encontra materializada quer na toponímia, quer na memória das populações locais.

A situação de referência anterior aos trabalhos ora relatados, consequência da superficialidade da pesquisa, apresentava um quadro de ausência quase absoluta de registos de época Pré-histórica (antiga ou recente), já que os projectos citados visavam períodos históricos subsequentes (e.g. Sande Lemos, 1993). É de assinalar, contudo, a presença de vestígios materiais datáveis do Calcolítico e da Idade do Bronze exumados nas escavações de emergência realizadas nas encostas do Castelo de Algosó, em trabalhos dirigidos por J. M. Argüelo Menéndez, em 1999. Aliás, ocupação esta já pronunciada pelo achado isolado de machado polido em diorite, de secção sub-triangular, na encosta do Castelo (e.g. Sanches 1992: 54). Também fora da área de incidência directa do nosso estudo, é de referir os ocasionais achados de machados de pedra polida em Macedo do Peso (Endovélico CNS 19510) ou no Cabecinho do Ouro (Endovélico CNS 5613).

À época Proto-histórica, são preliminarmente atribuídos dois povoados fortificados – o Castelo (Endovélico CNS 5604) e o Castelo dos Mouros (Endovélico CNS 14203), situados na freguesia de Algosó, em dois esporões rochosos na margem direita do Rio Angueira. Foram ambos originalmente referidos na literatura da especialidade pelo Abade de Baçal (Alves 1934). Destaca-se a boa conservação dos dois *loci*, que parecem apresentar aspectos comuns no que respeita não só à implantação espacial mas também à preservação de estruturas pétreas e muralhas ainda com alguma imponentia que deixam adivinhar a presença de relevante potência estratigráfica em alguns locais. Entre os achados datáveis deste período, regista-se, na região, algum espólio proveniente das citadas escavações na encosta poente do Castelo de Algosó e recolhas de superfície na Torre de Saldanha (Endovélico CNS 4238).

O elevado número de registos e diversidade dos achados de época romana testemunham uma importante e efectiva ocupação do território. Por oposição ao típico acantonamento dos povoados fortificados de época Pré ou Proto-histórica conhecidos na região, redutos entre fragas erigidos sobre ciclópicas escarpas, o povoamento romano inscreve-se em zonas mais abertas. Verifica-se uma apetência para a exploração de territórios favoráveis às práticas agro-pastoris, bem representada pela dispersão de

sítios arqueológicos na envolvente e sob actual aldeia de Saldanha, onde ainda hoje se concentra uma pujante actividade agrícola. Encontra-se esta aldeia num esporão rochoso voltado a nordeste, sobre uma fronteira natural. A Sul, as suaves colinas que conformam uma paisagem aberta, bem irrigada pelos afluentes e cursos altos das ribeiras que escorrem através do planalto e, a norte, conflui com uma mancha de relevo muito acidentado onde os vales cavados pelas numerosas linhas de água que descrevem apertados meandros pelos interstícios de agrestes formações quartzíticas. Contudo, Saldanha posiciona-se no vértice de um largo vale centrado na Ribeira do Repasquinho, aconchegada entre as elevações da Peinada, a nascente, e do Romão, a poente.

A relevância do termo da actual aldeia de Saldanha em época romana adivinha-se pela importância dos achados de superfície e avulsos, quer em termos quantitativos, quer qualitativos. Destaca-se, em primeiro lugar, a interessante componente epigráfica, materializada nas lápides funerárias de uma importante necrópole romana implantada num outeiro sobre o lado nascente do caminho natural de acesso ao esporão. Conservam-se fragmentos de 3 inscrições provenientes do adro da Igreja de Santa Marinha (CNS 5652) no Museu de Mogadouro, outras três encontram-se inseridas na estrutura construtiva da actual capela e duas guardadas na sacristia. Segundo a descrição que consta no Endovélico, uma possível estela jaz, no interior da capela, na base do arco triunfal e outras duas, no exterior, inseridas nos cunhais direito e esquerdo da porta de entrada do edifício. Contabilizam-se actualmente oito lápides, em mármore e calcário, epigrafadas em Santa Marinha. Para além destas, é ainda referida a existência de uma ara votiva a Júpiter dedicada por um veterano da VII Legião, e de outras duas estelas epigrafadas guardadas na Igreja de Saldanha (CNS 5653).

À necrópole em Santa Marinha, dever-se-ia associar importante aglomerado populacional que se crê se localizasse no esporão, sítio com o topónimo Torre de Saldanha (CNS) onde os técnicos do IPA responsáveis pela acção de realocização destes achados recentemente detectaram a presença de materiais de construção (tégulas) e cerâmica comum romanas indicadoras da presença de habitações no *terminus* do esporão. É de assinalar ainda a referência ao achado de moedas romanas na zona do Castelo (CNS 5359) ou Torre de Saldanha e de uma moeda romana do imperador Valério, descrita pelo Abade de Baçal, hoje perdida (CNS 19608). A par deste núcleo, o habitat de Lombo do Ouro, situado a cerca de 1km para WSW de Santa Marinha, num outeiro suave mas algo destacado, apareceram claros vestígios da presença de construções (tégulas, ímbrices e um bloco de *opus signinum*) associados a numerosos fragmentos de cerâmica doméstica. A prospecção arqueológica efectuada no âmbito do presente projecto revelou vestígios de índole similar no prolongamento para norte do Lombo do Ouro, achados estes que serão abaixo descritos.

Foram ainda registadas, em aldeias próximas de Saldanha, uma estela funerária romana guardada na igreja de Valcerto (CNS 5652) e uma ara votiva, também em mármore, proveniente de local desconhecido no termo da Granja (CNS 19595).

A ocidente da área em apreço, na freguesia de São Martinho do Peso, assinala-se uma íntima associação espacial entre um sítio de habitat e de uma necrópole de período romano, com os topónimos Cabecinho do Ouro e Fonte do Canto (CNS 19506), respectivamente. Os achados de superfície estendem-se ainda aos sítios de São Martinho (CNS 1367), na freguesia de Algosó e, na de São Martinho do Peso, Carril 1 (CNS 5609), Entre-dois-ribeiros 2 (CNS 19505) e São Domingos (CNS 5607). Vestígios de ocupação de época tardo-romana foram identificados aquando das escavações de emergência na envolvente do Castelo de Algosó e achados de superfície atestam a ocupação romana do habitat de São Martinho, também na freguesia de Algosó (CNS 1367).

Surge, na região, um único achado de época paleocristã, uma lápide funerária descoberta na zona do Prado (CNS 19435). Com balizas cronológicas entre a Romanização e a Alta Idade Média, regista-se o sítio do Cabeço da Forca (CNS 1568), na freguesia de Algosó, tratando-se, com elevada probabilidade, de um povoado fortificado.

A aldeia de Saldanha manteve-se, ao longo do tempo, como um núcleo populacional importante no território, com a continuidade da ocupação do esporão, eventualmente fortificado, em época medieval como lembra o topónimo Castelo ou Torre de Saldanha (CNS 4238), e evidenciado pela presença da igreja paroquial com elementos de origem medieval (CNS 5653) e pelos achados de material cerâmico coevo. Entre os sítios de habitat abertos, registam-se, no Endovéllico, na freguesia de Algosó (Vimioso), São Martinho, e na freguesia de São Martinho do Peso (Mogadouro), São Domingos.

No entanto, o foco polarizador da paisagem em época medieval foi, sem dúvida, o Castelo de Algosó (Fig. 2) cuja construção transformou as altas fragas da Penenciada, num local simbólico do poder régio e cabeça da Terra de Miranda nos alvares da nacionalidade. Desde o século XII, o castelo é presença constante no horizonte de quem atravessa as terras planálticas a Sul, nascente e poente. Pouco se conhece sobre a traça do castelo primitivo, sendo que terá cumprido um papel importante nas lutas contra o reino de Leão. Aquando da sua doação à Ordem de São João do Hospital, consolidada a autoridade régia, foi «transformado numa fortaleza gótica» nos séculos XIII e XIV (...) época em que foi erigida a actual torre de menagem heptagonal. A sua importância político-militar como estrutura de defesa e controlo sobre o território foi paulatinamente diminuindo até ao seu total abandono nos finais do século XVII. Na envolvente imediata do Castelo de Algosó, nomeadamente, nas suas encostas norte, oeste e leste, foram detectados vestígios de povoamento coevo, provavelmente um povoado medieval associado, bem como uma eventual necrópole nas proximidades da Capela de N^a Senhora da Assunção (Penenciada CNS 14204).



Fig. 7 - Castelo de Algosó e aspecto geral da encosta nascente da Penenciada (em cima) e Pelourinho de Algosó, imóvel classificado (em baixo).

O Castelo de Algosó é um dos dois imóveis classificados na área em estudo. Consta no Inventário Patrimonial da DGPC, consultado no sítio da internet <http://www.patrimoniocultural.pt/en/>, com o número de registo 2448. É monumento classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto nº 40361 DG 228 de 20 de Outubro de 1955¹. O segundo imóvel classificado é o Pelourinho de Algosó (Fig. 3) situado no centro da povoação, que consta com o nº 2450 no Inventário Patrimonial da DGPC. Trata-se de um

¹ O Castelo de Algosó está classificado como IIP e não é Monumento Nacional como é referido no texto que consta do inventário do IPA (CNS 676) pelo que seria conveniente proceder a esta correcção.

Imóvel de Interesse Público, classificado mediante o Decreto nº 23122, DG 231 de 11 de Outubro de 1933.

Do período medieval e época moderna, conservam-se duas pontes, uma das quais, a Ponte de Algosó sobre o Rio Angueira e respectiva calçada de acesso (CNS 14205) foi incluída no conjunto de sítios que se insere na área visado pelo actual projecto (v. ficha de ocorrência 02). Esta ponte, com origem medieval, insere-se num importante eixo viário regional que ligava Bragança à zona Sul do Douro, com passagem por Algosó, Penas Róias, Mogadouro e Torre de Moncorvo. No âmbito da inventariação e estudo das estruturas viárias medievais e pós-medievais da zona raiana do Leste transmontano, a ponte de Algosó e a calçada associada são considerados como um dos exemplos mais paradigmáticos dessa categoria de bens patrimoniais, sendo imóvel em vias de classificação. A Ponte de Macedo do Peso, com uma arquitectura de época medieval bem preservada, que liga ambas as margens da Ribeira do Peso (CNS 19509) encontra-se fora da área de estudo.

Em suma, do vasto conjunto de imóveis, bens patrimoniais e sítios de interesse histórico-arqueológico nas áreas das freguesias de Algosó, São Martinho do Peso e Saldanha visadas pelo nosso estudo, foram incluídos os seguintes registos no inventário patrimonial deste projecto: a **Ponte de Algosó** (CNS 14205) à qual foi atribuído o nº de registo 02, o **Castelo dos Mouros** (CNS 4203) com o nº de registo 04 na nossa listagem, o habitat romano do **Lombo do Ouro** (CNS 5358) com o nº 12 e **Santa Marinha** (CNS 5652) com o nº13, **Castelo** (CNS 5359) com o nº 24 , **Torre de Saldanha** (CNS 4238) com o nº 25 e **Igreja de Saldanha** (CNS 5653) com o nº 26 , **Paizada/Manga 1** (CNS 19580) com o nº 30, **Manga 2** (CNS 19581) com o nº 31, **Medorra de Vale Figueira/Pena do Mocho 3** (CNS 5449) com o nº 32, **Mural** (CNS 19584), com o nº 33, **Pena Mosqueira 2** (CNS 5602) como nº 34, **Pena Mosqueria 3** (CNS 5603) com o nº 35, **Pena do Mocho 1** (CNS 5605) com o nº 36, **Pena do Mocho 3** (CNS 5606) com o nº 37, **Igreja de Sanhoane** (CNS 19585) com o nº 38.

5. Caracterização das áreas prospectadas, ocorrências patrimoniais e sua relação com os principais componentes do projecto

Para efeitos de uma mais eficaz análise e execução do projecto, em virtude do AHE de Algosó - Senhora da Assunção se desdobrar em diversas componentes localizadas em áreas distintas do território, procedemos à divisão da 'área de estudo' em 4 zonas distintas, correspondendo as zonas 1 e 2 aos dois troços do vale do Rio Angueira (e Ribeira da Ponte de Pau) onde serão implantadas os principais órgãos constituintes do Aproveitamento (açude e central hidroeléctrica) e para os quais existe um projecto onde a localização e dimensionamento estão bem definidos. A zona 3 corresponde ao traçado preliminar do ramal de ligação à rede eléctrica que nos é apresentado de forma esquemática.

Nesta secção procurar-se-á descrever de forma circunstanciada as condições sob as quais decorreu a prospecção, as características do terreno, registando o actual uso e visibilidade ao nível solo nos corredores percorridos, com indicação dos elementos patrimoniais detectados.

5.1. Zona 1 – Central hidroeléctrica e conduta forçada

Projectou-se a construção da **central hidroeléctrica** e, consequentemente, a implantação da conduta forçada na margem esquerda do Rio Angueira, sobre um troço onde o Rio corre num vale largo entre encostas suaves e bem irrigadas. Em virtude da deposição sedimentar formou-se nesta secção do vale um amplo terraço fluvial. Esta área abre-se imediatamente a jusante do troço mais encaixado do vale, que corresponde ao limite ocidental da intrusão do complexo vulcano-silicioso que se expande norte-sul sobre o substrato xisto-grauváquico.

A geomorfologia do terreno oferece aqui a mais favorável zona de passagem entre ambas as margens, facto que é bem evidenciado pela presença de pontes rodoviárias sucessivamente construídas neste local. A ponte mais antiga, destruída certamente por uma cheia, e cujo tabuleiro jaz no leito do rio, está ainda assinalada na CMP folha 94 da década de 1940. Alguns metros para jusante, encontra-se uma ponte rodoviária desactivada e a cerca de 160m para montante foi recentemente construída uma outra que serve actualmente a EN219.

O edifício da central hidroeléctrica está projectado para um local no limite norte do terraço fluvial, uma área aplanada intersectada apenas pela vertente mais baixa de um afloramento rochoso que desce a encosta até ao rio (Fig. 8). O terraço é sulcado pelo curso de uma pequena linha de água – a Ribeira das Lagas – que ali conflui com o Angueira. A poente e nascente do local para onde foi projectado o edifício da central, assinala-se a presença de socalcos agrícolas destinados ao cultivo de espécies arbóreas (olival) e uma estrutura de captação de água, actualmente coberta por denso silvado (Fig. 9).

A prospecção visou uma área de 100m em redor do sítio de construção da central sem registo de ocorrências patrimoniais. A visibilidade ao nível do solo é parca devido à vegetação herbácea e arbustiva que por ali prolifera, contudo, foram também visualizadas as superfícies rochosas aflorantes bem como, uma área a montante da ponte rodoviária desactivada, onde grandes seixos rolados jazem nas margens do rio.

A **conduta forçada** segue desde a central em direcção à abertura do túnel, subindo assim a íngreme encosta sobranceira àquela na direcção sudeste, numa extensão de 150m (Fig. 8). A vegetação arbustiva esparsa que caracteriza os terrenos baldios na região, permitiu a boa visualização do solo em zonas de clareira ou de escorrência de águas. Pontuam afloramentos rochosos de quartzito, alguns de grandes dimensões, que formam pequenos abrigos. Um muro agrícola em pedra seca segue uma orientação NW-SE, atravessando longitudinalmente a encosta, sobre o corredor prospectado.

Não se assinalaram vestígios arqueológicos nas imediações dos afloramentos observados ou no seu interior, contudo, a única **ocorrência (01)** –uma peça lítica talhada sobre grauvaque – surgiu numa zona de escorrência de águas pluviais, indiciando talvez a existência de um arqueossítio em local a cota superior na mesma encosta. Trata-se porém de um achado isolado.



Fig. 8 – Perspectivas sobre a área de implantação da central hidroeléctrica, junto ao leito do rio na sua margem esquerda, da encosta rochosa para onde está prevista a colocação da conduta forçada (quadrante inferior esquerdo) e da vertente onde se prevê a instalação do troço enterrado do ramal de ligação à rede eléctrica nacional.



Fig. 9 – Aspecto de uma das áreas prospectadas na envolvente da zona de implantação da central hidroeléctrica.

5.2. Zona 2 – Açude e regolfo da albufeira nas margens do Rio Angueira e Ribeira da Ponte de Pau

Tal como exposto em 1.1. a), a área a inundar pela albufeira criada pelo açude projectado para o Rio Angueira é relativamente reduzida. O açude será construído numa secção do rio com o leito à cota 402.4 e a albufeira desenvolve-se ao longo de cerca de 550 m no curso do rio Angueira atendendo ao Nível de Máxima Cheia - NMC (411.5). Na Ribeira da Ponte de Pau, a albufeira desenvolve-se cerca de 300 m no NMC.

A prospecção no local de construção do **açude** e na área de afectação da albufeira por ele criada visou a observação de afloramentos rochosos que se erguem nas margens do rio, no intuito de detectar vestígios de arte rupestre, pese embora o suporte quartzítico ofereça superfícies dotadas de extensos enrugamentos, onde raramente surgem boas faces apaineladas. Ao nível do solo, a densa mancha herbácea e arbustiva impede a observação do terreno nos terraços fluviais da margem direita, visto a margem esquerda ser aqui formada por uma poderosa escarpa. A uma cota elevada (a uma altitude de ca. de 450m) da encosta sobranceira à margem esquerda, acima do local projectado para a edificação do açude, despertou-nos especial atenção duas cavidades naturais abertas na rocha. Avistam-se desde o rio, mas detêm maior impacto visual se observadas desde a encosta sudoeste do Castelo dos Mouros. Inevitavelmente, deslocámo-nos ao local para aferir da presença/ausência de vestígios arqueológicos no seu interior. Trata-se de uma só cavidade que tem, de facto, duas aberturas para o exterior, sendo que a mais acessível e de maiores dimensões tem ca de 1m de altura por 1,30m de largura. O interior encontra-

se totalmente vazio de sedimentos e as paredes, boleadas, denotam um poderoso e constante desgaste por erosão eólica. Aliás, as aberturas estão expostas ao vento do Setentrião. Verifica-se a presença de sedimentos no exterior das cavidades, mas não nos foi possível detectar material arqueológico à superfície do terreno (Fig. 10).



Fig. 10 – Vista sobre a cavidade natural situada na encosta próxima da localização prevista para o açude do AHE de Algosó - Senhora da Assunção.

A área a afectar pela albufeira do AHE de Algosó - Senhora da Assunção atravessa um troço pouco antropizado do Rio Angueira, que contrasta com sectores a montante e a jusante, onde facilmente se detecta a presença de moinhos, socalcos agrícolas, e caminhos rurais. No sector que se situa imediatamente abaixo do Castelo de Algosó, encontram-se os Moinhos da Ponte e o Moinho do Carvalho, numa zona onde o acesso ao rio e a progressão no terreno junto a um tão pouco caudaloso curso na época do ano em que as prospecções de 2006 e 2014 foram realizadas não acarreta grande dificuldade.

Como se disse anteriormente, o regolfo da albufeira abarca o curso terminal da Ribeira da Ponte de Pau e a sua confluência com o Angueira, ca. de 50m a jusante do açude projectado (Fig. 11).



Fig. 11 – Perspectiva sobre o vale do rio Angueira desde o local de confluência da Ribeira do Pau.

Foi precisamente esta a área mais favorável à prospecção visto que o vale alarga substancialmente e se encontra parcialmente assoreado por sedimentos acumulados devido, em parte, à existência de um antigo açude, de grandes dimensões construído poucos metros a jusante da foz daquela Ribeira. Já referido pelos responsáveis pelo EVTE do AHE de Algosó - Senhora da Assunção, este açude em pedra foi inventariado como a **ocorrência 03** do projecto. Conforme descrito na ficha de sítio correspondente, trata-se de uma estrutura de dimensões consideráveis que parece aproveitar blocos de rocha ciclópicas que jaziam no leito do rio. A estes foi adossada uma construção em pedra seca que arranca, na margem esquerda com um muro composto por lajes dispostas na vertical ao centro e imbricadas obliquamente nas faces exteriores. A largura máxima do arranque do açude ascenderá, nesta margem, aos 3,5 m. Questionámo-nos acerca da funcionalidade de tal estrutura, dada a ausência de vestígios de outras construções a ela associadas. Tratar-se-á eventualmente de uma estrutura relacionada com um local de passagem do rio ou com os alicerces de uma construção em materiais perecíveis. Embora não surjam cartografados na Carta Militar de Portugal, na planta da albufeira apresentada na figura 7.3. do EVTE do projecto registaram-se dois caminhos rurais, em ambas as margens do Angueira, que confluem precisamente com os encostos desta construção. Este poderia funcionar simultaneamente como uma presa de água destinada a actividades agrícolas que se desenrolavam nos socalcos, hoje abandonados e reconquistados pelo matagal, que fomos encontrando na prospecção, ao longo das margens da Ribeira. Aliás, a visibilidade ao nível do solo afigurou-se bastante desfavorável ao longo das margens da ribeira, invadidas pelo matagal, o que impediu uma expedita progressão no terreno quer na prospecção de 2006 quer na realizada em 2014 (Fig. 12).

A escassez de vestígios de origem antrópica não surpreende já que nos encontramos junto a um troço de ca. de 400m, onde o rio se encaixa entre paredes de rocha que caem a pique sobre o rio.



Fig. 12 – Vista sobre a área prospectada nas margens da Ribeira da Ponte de Pau (2006, em cima; 2014, do lado direito)



Conforme se assinala na carta das áreas prospectadas (ANEXO 1) não pôde ser prospectada esta secção do Rio Angueira onde o acesso deverá ser possível apenas por via fluvial. Contudo, pelo que nos foi dado a observar desde cotas mais altas, a poente e nascente do troço escarpado, a probabilidade de ocorrência de vestígios arqueológicos é relativamente escassa. É de referir que naquele local a albufeira alcança uma diferença de cota de ca de 5m em relação ao leito actual. Contudo, não se deve descartar essa hipótese em virtude daquelas escarpas rochosas serem encimadas por um povoado fortificado de época Pré e/ou Proto-histórica (**ocorrência 04**). Neste troço detectou-se, em vista panorâmica desde as margens opostas aos limites do «canyon», a existência de uma pequena gruta junto ao leito do rio (Fig.13). Com efeito, são escassas as cavidades que se formam sobre este maciço quartzítico de textura tão irregular mas que oferece cenários de monumental imponência na paisagem.

Em virtude da impossibilidade da progressão pedestre por ambas as margens, acedemos à zona terminal da albufeira por caminhos rurais que nos levaram até ao local onde o rio diverge de Sul para oeste, descrevendo uma curva em ângulo recto. Percorreu-se este troço linear do rio pelo leito de cheia

que aqui é aplanado e relativamente largo. Tanto a visibilidade ao nível do solo como as condições de prospecção foram dificultadas pela densa vegetação que cobre as duas margens. A progressão no terreno foi difícil e morosa, já que havia que recorrer à abertura de corredores de passagem e à sumária desmatização. Foi possível, contudo, progredir sobre a área entre o Nrn e o NMC e assinalar a **ocorrência 05**, um pequeno açude sobre o curso estreito do rio, associado a um muro (de suporte?) com planta em L.



Fig. 13 – Vista sobre o limite ocidental da zona escarpada do Rio Angueira.

Embora se encontre fora da área de estudo, mas porque se trata de um novo registo, informamos que no **Cabeço dos Mouros**, uma elevação de perfil circular localizada a nordeste do Castelo dos Mouros, se encontraram, à superfície do solo nas encostas nordeste e sudeste, dispersões de seixos talhados, em quartzito, entre os quais surgem lascas e peças com talhe bifacial (cf. Registo fotográfico – Zona 2).

Ao longo da área percorrida nas margens do Angueira, a prospecção foi igualmente dirigida à detecção de eventuais vestígios de arte rupestre, já que são conhecidos importantes sítios desta natureza na região, nomeadamente o abrigo da «Pena da Letra» com pinturas rupestres na encosta do castelo de Penas Roias. O conjunto de abrigos com gravuras de Aguçadeiras, da Ribeira da Vale de Palheiros e Fragas da Lapa, situa-se na vizinha freguesia de Atenor (Miranda do Douro) (Sanches 1992). Registos de rochas com covinhas surgem no Rebolhão (São Martinho de Angueira), numa encosta sobre o Angueira (*ibid*) e Pena do Mocho (CNS 4818). Na freguesia de Vimioso, nas margens do Angueira, identificaram-se

ainda as gravuras de época histórica do Moinho da Tigela (CNS 4877). Porém, não foram detectados quaisquer vestígios desta natureza.

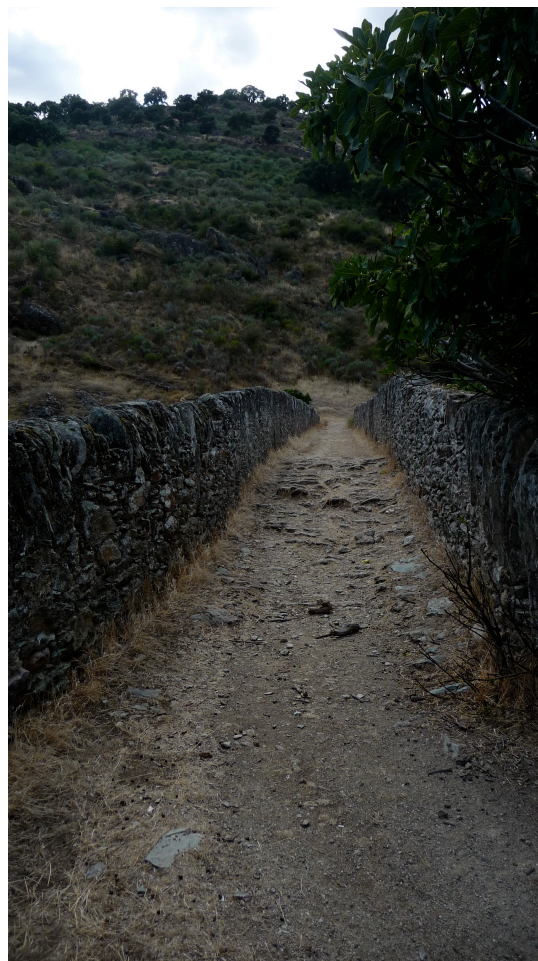
5.2.1. A Ponte e Calçada de Algosó

A jusante do açude, situa-se a Ponte de Algosó, ligada em ambas as margens por troço da calçada medieval em lajes de xisto, com poderosos contrafortes, sendo esta mais perceptível na margem direita (**ocorrência 02**). O conjunto da Ponte e Calçada Medieval de Algosó encontra-se em processo de classificação (nº de processo: DRP/CLS – 2365) pela DRC-N. Estas estruturas integravam o itinerário rodoviário medieval que conduzia desde Bragança à região duriense e que, localmente ligava os Castelos de Penas Roías e Algosó. A Ponte de Algosó é uma edificação em alvenaria de xisto com talhamares e aduelas de arcos em cantaria de granito. Apresenta três arcos de volta perfeita de dimensões idênticas, tabuleiro horizontal e guardas altas, com ca. de 1,30 de altura, onde são notórias diferentes fases de construção (Registo fotográfico-zona 2, foto nº 47). A ponte medieval foi destruída por uma cheia ocorrida em 1707. Desta sobejam algumas fiadas de pedra na sua base e arcos assim como parte das suas fundações na margem esquerda, sobre as quais se apoiou a estrutura da actual ponte com três arcos e tabuleiro plano, construída entre 1727 e 1737 após a sua destruição numa cheia ocorrida em 1707. Uma inscrição rupestre na zona da calçada assinala a destruição e reconstrução da ponte.





B.



C.

Fig. 14 – Perspectiva sobre a Ponte e Calçada de Algosó (A.); Pormenor de um troço preservado da calçada medieval na margem direita (B.); Aspecto do tabuleiro da Ponte de Algosó (C.)

A Ponte e Calçada Medieval de Algosó situam-se a pouco mais de 260m para jusante do local de implantação do açude e do emboquilhamento montante do túnel. Desta forma, os suaves meandros do rio entre a Ponte de Algosó e o local previsto para o açude, permitem que se diminua o impacte visual que a sua construção provocaria no enquadramento paisagístico do monumento.

No entanto, o local eleito para a colocação de escombreira, numa plataforma na zona baixa da encosta na margem direita contígua à Ponte e Calçada de Algosó (Fig. 6) poderá ter como consequência uma alteração do enquadramento paisagístico destes monumentos.

No que respeita aos acessos rodoviários a utilizar aquando da construção dos diversos componentes do empreendimento nesta zona, está prevista a circulação pelo actual caminho de terra batida que liga a povoação de Algosó ao local de implantação do açude (Fig. 4) que não afecta qualquer ocorrência patrimonial. Porém, o acesso ao emboquilhamento do túnel e ao açude pela margem esquerda será efectuado pelo caminho que liga Algosó a Valcerto, ou seja o mesmo que atravessa a Ponte de Algosó. Assim sendo, os troços que se pretendem rectificar na envolvente da ponte coincidem com o trajecto do caminho medieval, embora não sejam perceptíveis troços de calçada em xisto à semelhança do que ocorre na margem oposta (Fig. 15). Visto que a construção de acessos *ex novo* causaria um maior

impacte, esta situação e o cariz da rectificação a efectuar deverá ser objecto de avaliação de forma a não descaracterizar sobremaneira o ambiente e estrutura física do caminho.

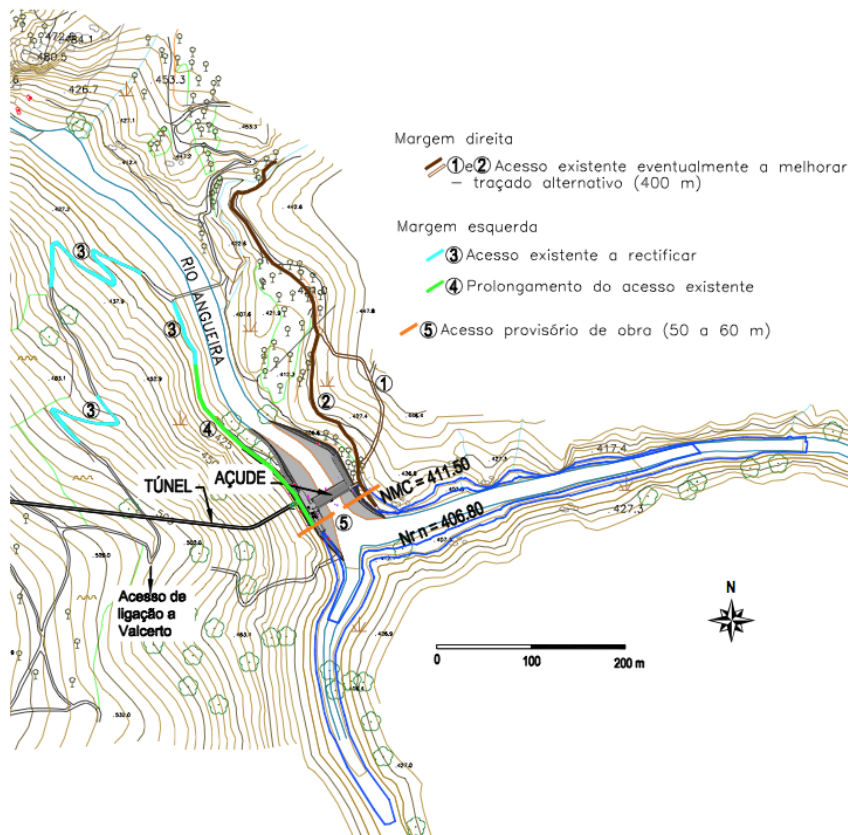


Fig. 15 – Acessos rodoviários que se prevêem utilizar a área envolvente ao açude e emboquilhamento montante do túnel (sobre base cartográfica à escala 1/5000) (in Estudo de viabilidade técnico-económica do AHE de Algosó - Senhora da Assunção, Hidroerg, Projectos Energéticos- 2014).

Deve salientar-se que se encontra interdito pela autarquia o trânsito de veículos motorizados sobre a Ponte de Algosó, razão pela qual não se deverá preconizar a passagem de veículos e/ou máquinas sobre o tabuleiro, sobre troços preservados da calçada, no leito do Rio nas suas imediações, quer para a fase de obra, quer para a fase de exploração do empreendimento.

É importante ainda ressaltar que a Ponte de Algosó poderá vir a ser directamente afectada pela construção do empreendimento em caso de ‘onda de cheia’.

As medidas de minimização encontram-se elencadas em secção própria adiante, designadamente no que respeita à monitorização da estrutura aquando da ocorrência de rebentamentos ligados à construção do açude e do troço inicial do túnel do AHE de Algosó – Senhora da Assunção.

Em síntese, na zona 2 identificaram-se apenas duas ocorrências patrimoniais que serão negativa e directamente afectadas pela albufeira. Correspondem aos sítios 03 e 05, dois açudes construídos sobre o Rio Angueira, que não estão aparentemente relacionados com outras construções (azenhas ou moinhos). São, todavia, locais de interesse etnográfico, com valor patrimonial reduzido. Do conjunto de sítios registados nos inventários patrimoniais nacionais, o Castelo dos Mouros não deverá ser afectado pelo projecto já que, não obstante a sua proximidade física, ergue-se a uma cota muito elevada em relação aos níveis da albufeira (quer do Nrn, quer do NMC).

5.3. Zona 3 – Inventariação dos sítios arqueológicos sobre o traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica nacional

Conforme se refere nos pontos 2. e 3. deste relatório, foram prospectados, no âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados em 2006 e 2014, três traçados alternativos para a implantação do ramal de ligação à rede eléctrica nacional, todos eles provisórios, à semelhança do que se apresenta no actual EVTE. Tendo este sido delineado em fase ulterior aos trabalhos de campo realizados não foi objecto de prospecção ao longo de toda a sua extensão, pelo que se propõe que a prospecção sistemática seja realizada após a definição final do traçado. Pese embora se excluam os sítios arqueológicos identificados *ex novo* e relocizados do Quadro de Impactes e do Quadro de Medidas de Minimização, mantêm-se as Fichas de Ocorrência (Fichas 11 a 29), com a devida ressalta no campo das observações. Por crermos ser pertinente manter não só as fichas de sítios/fichas de ocorrência, mas também a descrição das áreas prospectadas como contributo para o inventário nacional de sítios arqueológicos e para futuros trabalhos de arqueológicos nesta região, encontra-se esta informação apenas ao presente relatório (ANEXO 3).

Na medida em que o terço norte da extensão do actual traçado preliminar do ramal coincide com os anteriormente propostos, descreve-se seguidamente os resultados das prospecções realizadas.

O traçado segue, na secção inicial, nas proximidades da central hidroeléctrica, uma orientação sensivelmente Norte-Sul e insere-se administrativamente na freguesia de São Martinho do Peso. As condições facultadas pelo actual uso do solo, nomeadamente a grande extensão de campos lavrados ou com searas recentemente cortadas, proporcionou, de um modo geral, boas condições de visibilidade no terreno, com a excepção do primeiro sector prospectado sobre a íngreme encosta imediatamente a sul da Central hidroeléctrica. Foram visualizados os patamares superiores a nordeste e nascente do Grunheiro sem se assinalar qualquer ocorrência, apenas alguns fragmentos de materiais de construção modernos (telhas). Avançou-se de seguida para uma zona que se afigurava de maior interesse pela sua implantação topográfica: a elevação encimada pelo vértice geodésico com o topónimo Cabeço (**ocorrência 06**).



Fig. 16 – Perspectiva sobre a área para onde está projectado o troço enterrado do ramal de ligação à rede eléctrica nacional e da zona de implantação do primeiro apoio à superfície, em primeiro plano.

A partir de Sul e nascente, o Cabeço, delimitado a nascente pelo curso médio da Ribeira das Lagas, surge como uma elevação de encostas suaves que se alonga no sentido nordeste-sudeste e prolonga para sudoeste unindo-se por um estreito colo a uma pequena elevação de contorno sub-circular. Pela vertente norte do Cabeço, a mais declivosa, disseminam-se fragas de quartzito aflorante, com uma cor esbranquiçada conferida pela abundância de quartzo, e que formam pequenos abrigos ou nichos no seu interior. O coberto vegetal impediu aqui uma boa visualização do solo, mas trata-se da única encosta que não é ocupada por campos agrícolas, que é o caso dos quadrantes nascente, sul e poente do morro. Aqui as plataformas superiores, alargadas e de relevo suave, foram atentamente prospectadas, o que permitiu observar alterações topográficas de eventual origem antrópica. Dos solos xistosos, foram exumados diversos artefactos que parecem indiciar a presença de um povoado pré-histórico, que se articula com vestígios de ocupação de períodos posteriores. No intuito de tornar mais perceptível a análise da distribuição dos achados no amplo espaço do Cabeço, procedemos à geo-referenciação do espólio recolhido, correspondendo os locais de recolha ao que designamos por núcleos 1 a 6 e assinaladas com círculos a vermelho na carta das áreas prospectadas (ANEXOS 1 e 2).

Nas plataformas abaixo dos 700m, situadas no quadrante nascente do Cabeço, foi detectada a presença de escória de ferro associada a uma dispersão de cerâmica produzida a torno e material de construção (telha) nos núcleos 1 (M=128,97 P=197,27 H= 680) e 6 (M=129,02 P=197,17 H= 670). A uma cota superior vislumbram-se dois taludes concêntricos em relação à posição do vértice geodésico, sobre as curvas de nível dos 730 e 740m. Pontualmente, detectaram-se troços das estruturas pétreas de sustentação (possível muralha?) a eles associados que conservam uma altura entre 1,5 e 2,5m. Contudo, não se assinalam grandes concentrações de pedra solta (resultante do desmembramento de eventuais estruturas) à superfície do solo, salvo nalguns moroiços. De qualquer forma, parece-nos que o solo

oferece ainda uma espessura considerável nos patamares altos. Foi uma zona de inclinação suave a Sul do geodésico que recolhemos, no que designámos núcleo 2 (M=128,71 P=196,89 H= 720) uma peça lítica talhada (raspadeira) e um fragmento seixo em quartzito rolado, cuja presença no topo do Cabeço pressupõe o seu transporte intencional, bem como de um fragmento granítico, material pétreo também de origem alógena, no núcleo 3, a sudeste (M=128,58 P=196,98 H= 730). Mais contundente, foi o achado de um fragmento de dormente de mó de vai-e-vem, em grauvaque, detectado num moroiço (Núcleo 4 - M=128,60 P=197,07 H= 740). Pese embora a sua escassez, o espólio recolhido à superfície insere-se na tipologia de vestígios que se associam normalmente à presença de um habitat de cronologia pré-histórica, o que deverá ser confirmado ou infirmado em futuros trabalhos arqueológicos. Só uma sondagem arqueológica permitirá definir com maior acuidade a natureza do sítio. É importante ressaltar que se tratará de um sítio relevante e sensível sob o ponto de vista patrimonial, pelo que se deverão preconizar rigorosas medidas de minimização para qualquer tipo de intervenção que seja prevista para o local.

A prospecção estendeu-se posteriormente para os terrenos da extensa ladeira noroeste do Romão ocupada por campos agrícolas. Os suaves escalonamentos são sulcados por numerosas linhas de água tributárias da Ribeira das Lagas. Foi precisamente num esporão baixo ladeado por duas ribeiras que se recolheu, à superfície e nas proximidades do caminho rural, uma peça lítica talhada com retoque lateral – **ocorrência 07**. Trata-se de um achado isolado, à semelhança da **ocorrência 09**, uma outra peça lítica que ostenta grande desgaste. Foi recolhida num pequeno outeiro sobranceiro à fonte, situado do lado nascente do caminho rural. Sobre o traçado da linha eléctrica, precisamente na intersecção de um afluente com a Ribeira das Lagas, existe uma fonte entre afloramentos rochosos associada a uma estrutura rectangular de contenção de água (**ocorrência 08**).

Ao longo do traçado preliminar do ramal de ligação à rede eléctrica nacional constante no actual EVTE que não foi objecto de prospecção arqueológica no âmbito do presente projecto, apresenta-se neste relatório a localização dos sítios arqueológicos inventariados na base de dados Endovélico, preenchidas as respectivas fichas de ocorrência com as referências e descrição nela contida (fichas 30 a 38) (ANEXOS 1 e 2).

Este exercício permitiu verificar que o traçado se sobrepõe, nas freguesias de Castanheira e Sanhoane, a um conjunto de monumentos *sob tumulus* da Pré-história Recente, dos quais alguns apresentam câmara megalítica, dos quais se encontram inventariados oito sítios (**ocorrências 30 a 37**). Trata-se de uma das mais importantes necrópoles deste período conhecidas no Nordeste Transmontano e bem conhecida na bibliografia da especialidade. O estado de conservação da maioria dos monumentos é mau, tendo sido um destruído. Alguns destes monumentos foram objecto de intervenções arqueológicas, nomeadamente Pena Mosqueira 3 cuja escavação revelou a presença de arte megalítica sob a forma de pintura (e.g. Sanches 1987).

Na Igreja de Sanhoane (**ocorrência 38**) o achado de uma estela funerária romana indicia o prolongamento para nascente da pujante ocupação deste período neste território, já assinalado na zona envolvente a Saldanha.

Relativamente a estas ocorrências, foram elencadas as medidas de minimização no respectivo quadro, pese embora se tenha em consideração que o traçado projectado se trate de um esboço preliminar. Conforme se refere adiante, preconiza-se, como medida de minimização, a prospecção sistemática do traçado definitivo aquando da sua definição em fase subsequente do processo de avaliação do AHE de Algosó – Senhora da Assunção.

5.4. Estaleiros e Escombreiras

As questões em torno da localização da escombreira que se prevê para a margem direita do rio Angueira, entre o açude e a Ponte de Algosó, foram abordadas na secção dedicada a essa área de estudo (Fig. 6). Uma outra escombreira está previsto localizar-se na zona 1 que corresponde à envolvente da central hidroeléctrica, que foi prospectada apenas com o registo de um achado isolado.

Nesta secção descrevem-se os resultados da prospecção arqueológica da área para onde se preconiza a instalação de duas outras escombreiras, a poente da povoação de Algosó e da estrada nacional e do estaleiro. O terreno onde se prevê a instalação deste último situa-se junto à estrada que liga a EN 219 ao centro da povoação. Trata-se de um campo de cultivo abandonado, delimitado por um muro de pedra seca. A densa vegetação herbácea dificultou a visualização a nível do solo, não tendo sido identificados quaisquer vestígios arqueológicos (Fig. 17).





Fig. 17 – Aspecto do terreno para onde está prevista a localização do estaleiro.

No que concerne às escombreiras, ocupam igualmente terrenos agrícolas onde não foi detectada qualquer ocorrência de interesse patrimonial nas áreas prospectadas que permitiam a boa visualização do solo (Fig. 18; Fig. 19).



Fig. 18 – Perspectivas sobre a área para onde se encontra prevista a instalação da escombreira mais a ocidente, cuja localização foi sugerida pela autarquia (em cima, vista para sul; em baixo, vista para norte).



Fig. 19 – Aspecto do terreno para onde se encontra prevista a instalação da escombeira a nascente (localização alternativa).

6. Inventário das Ocorrências Patrimoniais

Apresenta-se a relação circunstanciada das ocorrências patrimoniais identificadas na área em apreço. O ficheiro foi elaborado conforme o formato das Fichas de Sítio do Endovéllico, o Inventário Patrimonial da DGPC.

A numeração das fotografias remete para o registo apresentado, em formato digital, no CD-Rom anexo.

Os sítios arqueológicos abaixo listados situam-se em freguesias do distrito de Bragança e a sua distribuição insere-se em área abrangida pela CMP 1/25 000, folha 94.

Apresentam-se as coordenadas GAUSS, datum 73, de cada uma das ocorrências a partir de leituras obtidas, no terreno, e por aparelho GPS portátil.

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 01	Designação Foz da Ribeira das Lagas	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho São Martinho do Peso/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 128,79 P= 199,35 H= 385m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 1
Tipo de sítio Achado isolado		Período cronológico Indeterminado	
Descrição Peça lítica recolhida à superfície do solo, numa zona de escorrência de águas pluviais, a meia encosta da elevação sobranceira à margem esquerda da Ribeira das Lagas junto à sua confluência com o Rio Angueira. Parece tratar-se de uma lasca de secção plano-convexa sobre grauvaque que apresenta um grau de erosão considerável.			
Ameaças --	Uso do Solo Baldio	Estado de Conservação Bom	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo a EN 219 na direcção sul-norte, deve-se inflectir à esquerda antes da ponte rodoviária actual e seguir o troço da estrada antiga até ao caminho de terra batida e aí descer a encosta sobranceira ao Angueira.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 1.1. e 1.2.		Espólio Recolhida uma peça lítica talhada sobre grauvaque.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: O achado isolado foi identificado sobre a área prevista para a construção da conduta forçada.			
 			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 02	Designação Ponte de Algosó	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho São Martinho do Peso, Mogadouro/Algosó,Vimioso
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 130,24 P= 199,34 H= 400m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 2
Tipo de sítio Ponte e Via		Período cronológico Idade Média/Moderno	
Descrição A Ponte de Algosó é ligada em ambas as margens por troços da calçada medieval, sendo esta mais perceptível na margem direita. A ponte medieval foi destruída por uma cheia ocorrida em 1707. Desta sobejam apenas algumas fiadas de pedra e uma parte das fundações, na margem esquerda, sobre as quais se apoiou a estrutura da actual ponte construída entre 1727 e 1738. Ponte e calçada integravam o itinerário rodoviário medieval que conduzia desde Bragança à região duriense e que, localmente ligava os Castelos de Penas Roias e Algosó. A Ponte de Algosó é uma edificação em alvenaria de xisto com talhamares e aduelas de arcos em cantaria de granito. Apresenta três arcos de volta perfeita de dimensões idênticas, tabuleiro horizontal e guardas altas, com ca. de 1,30 de altura, onde são notórias diferentes fases de construção. Uma inscrição rupestre na zona da calçada assinala a destruição e reconstrução da ponte.			
Ameaças Rede viária	Uso do Solo Outros	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação Imóvel em vias de classificação (ref. Processo: DRP/CLS – 2365)	Protecção --	
Acessos O acesso para a Ponte de Algosó deverá ser feito, na margem direita do Rio Angueira, pelos caminhos rurais que ladeiam a encosta nascente do Castelo de Algosó. Partindo da povoação de Algosó, segue-se na direcção da capela de São João e poucos metros adiante inflecte-se para a direita, descendo em direcção ao rio.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 2.1. e 2.2.		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia ALVES, Francisco Manuel (1934). Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte. Porto: Emp. Guedes, Vol. 9, p. 718. MOURINHO JÚNIOR, António Rodrigues (1985) - Memórias do tempo dos Távoras no Nordeste Transmontano. In Brigantia. Bragança. 5:24, p. 659682.			
Observações: Consta no inventário patrimonial - Endovélico – com o CNS 14205. A ponte deverá ser condicionada ao tráfego de veículos pesados e máquinas na fase de construção do AHE de Algosó - Sra da Assunção, devendo ainda ser monitorizada nesse período por forma a garantir a integridade física da estrutura face aos movimentos de máquinas, rebentamentos e movimentos de terras.			



Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 03	Designação Angueira - Açude 1	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho São Martinho do Peso, Mogadouro/Algosó,Vimioso
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 130,38 P= 199,09 H= 410m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 2
Tipo de sítio Represa		Período cronológico Moderno/Contemporâneo	
Descrição Açude em pedra de dimensões consideráveis que parece aproveitar blocos de rocha ciclópicas que jaziam no leito do rio. A estes foi adossada uma construção em pedra seca que arranca, na margem esquerda com um muro composto por lajes dispostas na vertical ao centro e imbricadas obliquamente nas faces exteriores. Embora se encontre parcialmente coberto por silvado, a largura máxima do arranque do açude ascenderá, nesta margem, aos 3,5m. Questionámo-nos acerca da sua funcionalidade dada a aparente ausência de vestígios de outras construções a ela associadas. Colocamos a hipótese de se tratar de uma estrutura relacionada com um local de passagem do rio (ou com os alicerces de uma construção em materiais perecíveis) para acesso ao vale da Ribeira da Ponte de Pau. Embora não surjam cartografados na CMP, existem caminhos rurais, em ambas as margens do Angueira, que confluem precisamente com os encostos do açude 1. Este poderia funcionar também como represa.			
Ameaças Erosão fluvial	Uso do Solo Outros	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Partindo da povoação de Algosó, segue-se na direcção da capela de São João e poucos metros adiante inflecte-se para a direita, descendo em direcção ao rio. Aí percorre-se o estradão que ladeia a margem direita até à confluência da Ribeira da Ponte de Pau.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 3.1.		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: O sítio encontra-se dentro da área inundada pela albufeira do AHE de Algosó - Senhora da Assunção.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 04	Designação Castelo dos Mouros	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Algosó/Vimioso
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 130,75 P= 199,37 H= 540m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 2
Tipo de sítio Povoado fortificado		Período cronológico Idade do Ferro	
Descrição Povoado fortificado situado num esporão rochoso sobranceiro à margem direita rio Angueira. O recinto é delimitado pelos patamares circundantes ao ponto mais alto, definidos pelas curvas de nível dos 540 e 530m. Refere-se no Endovélico a existência de duas muralhas em xisto e de vestígios de estruturas pétreas no interior do recinto associados a derrubes resultantes da sua destruição.			
Ameaças Abandono	Uso do Solo Baldio	Estado de Conservação Razoável	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Partindo da povoação de Algosó, segue-se na direcção da capela de São João e poucos metros adiante inflecte-se para a esquerda. Atravessa-se a Ribeira do Prado e, alcançado o Cabeço dos Mouros, segue-se em direcção ao esporão voltado a sudoeste.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 4.1.e 4.2..		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia LEMOS, Francisco Sande, 1993. Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental, Braga: Universidade do Minho, 6 vols. NETO, Joaquim Maria. 1975. O Leste do Território Bracarense, Torres Vedras: A União, p. 363. ALVES, Francisco Manuel. 1934. Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte: Porto: Emp. Guedes, vol. 9, p. 718.			
Observações: Consta no inventário patrimonial Endovélico com o CNS 14203. Situa-se a ca. de 160m do limite da albufeira criada pela construção do açude projectado no âmbito do AHE de Algosó - Sra da Assunção, mas não se prevêem quaisquer impactos.			
			



Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 05	Designação Angueira – Açude 2	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho São Martinho do Peso, Mogadouro/Algosó,Vimioso
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131,02 P= 199,12 H= 414m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 2
Tipo de sítio Represa		Período cronológico Moderno/Contemporâneo	
Descrição Trata-se de um pequeno açude que liga ambas as margens do Rio Angueira, num troço estreito do curso de água. A construção adossa-se a grandes pedras que jazem no leito do rio. Embora muito danificado, o arranque da margem esquerda preserva parte da estrutura composta por lajes de xisto imbricadas e fincadas obliquamente no solo. Na margem direita, o açude parece confinar com o que parece ser um muro de suporte composto por lajes de grande calibre, com planta em L, cuja funcionalidade se desconhece. Contudo não detectámos quaisquer indícios da presença de antigas azenhas, moinhos ou levadas, a não ser que o referido muro (parcialmente coberto por um denso matagal) pertencesse a uma antiga construção feita eventualmente com materiais perecíveis.			
Ameaças Erosão fluvial	Uso do Solo Outros	Estado de Conservação Mau.	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Partindo da povoação de Algosó, segue-se na direcção da capela de São João e poucos metros adiante inflecte-se para a esquerda. Percorrem-se os caminhos rurais que conduzem à encosta Sul do Cabeço do Sobreiro e à margem direita do rio. Aí deve seguir-se a pé na direcção poente. O açude situa-se poucos metros a montante do início da zona escarpada do Angueira.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 5.1.		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: O sítio encontra-se fora da área inundada da albufeira criada pela construção do açude no âmbito da implementação do AHE de Algosó - Senhora da Assunção.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 06	Designação Cabeço	Lugar/Topónimo Cabeço	Freguesia / Concelho São Martinho do Peso/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 128,65 P= 197,18 H= 740m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Povoado		Período cronológico Pré-história Recente/Moderno	
Descrição A partir de Sul e nascente, o Cabeço surge como uma elevação de encostas suaves que se alonga no sentido nordeste-sudeste e prolonga para sudoeste unindo-se, por um estreito colo, a uma pequena elevação de contorno sub-circular. Pela vertente norte do Cabeço, a mais declivosa, disseminam-se fragas de quartzito, com uma cor esbranquiçada conferida pela abundância de quartzo, e que formam pequenos abrigos no seu interior. O coberto vegetal impediu aqui uma boa visualização do solo, mas trata-se da única encosta que não é ocupada por campos agrícolas, caso dos quadrantes nascente, sul e poente do morro. Aqui, sobre as plataformas superiores, alargadas e de relevo suave, notámos a existência de alterações topográficas de eventual origem antrópica. Dos solos xistosos, foram exumados diversos artefactos que parecem indicar a presença de um povoado pré-histórico, assim como vestígios de ocupação de época moderna ou contemporânea. No sentido de tornar mais perceptível a análise da distribuição dos achados no amplo espaço do Cabeço, procedemos à geo-referenciação do espólio recolhido, correspondendo os locais de recolha ao que designamos por núcleos 1 a 6. Nas plataformas abaixo dos 700m do quadrante nascente do Cabeço, detectámos a presença de escória de ferro associada a uma dispersão de cerâmica produzida a torno e material de construção (telha) nos núcleos 1 (M=128,97 P=197,27 H= 680) e 6 (M=129,02 P=197,17 H= 670). A cota superior identificámos dois taludes concêntricos em relação à posição do vértice geodésico, sobre as curvas de nível dos 730 e 740m. Pontualmente, detectámos troços das estruturas pétreas de sustentação (possível muralha?) a eles associados que conservam uma altura entre 1,5 e 2,5m. Contudo, não se assinalam grandes concentrações de pedra solta (resultante do desmembramento de eventuais estruturas) à superfície do solo, salvo nalguns moroiços. Foi numa zona de inclinação suave a Sul do geodésico que recolhemos, no que designámos núcleo 2 (M=128,71 P=196,89 H= 720) uma peça lítica talhada sobre quartzo (raspadeira) e um fragmento seixo em quartzito rolado, bem como de um fragmento granítico, material pétreo de origem alógena, no núcleo 3 (M=128,58 P=196,98 H= 730) e um fragmento de dormente de mó de vai-e-vem, em grauvaque, num moroiço próximo do geodésico (Núcleo 4 - M=128,60 P=197,07 H= 740). Pese embora a sua escassez, o espólio recolhido à superfície insere-se na tipologia de vestígios que se associam normalmente à presença de um habitat da Pré-história recente (Neo-Calcolítico-Bronze), o que deverá ser confirmado ou infirmado por futuros trabalhos arqueológicos.			
Ameaças Agricultura	Uso do Solo Agrícola/Baldio	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos O acesso ao alto do Cabeço tanto pode se feito pelo estradão que segue desde a aldeia de Valcerto e que conduz à encosta norte, como pelo caminho rural que parte de uma exploração agrícola a Sul daquela aldeia e segue pela encosta nascente.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 6.1., 6.2., 6.3., 6.4.		Espólio Lítico: fragmento de seixo rolado, fragmento de granito, raspadeira em quartzo, dormente de mó manual (não recolhida). Cerâmica: fragmentos de cerâmica montada a torno Outros: Escória de ferro (não recolhida)	
Bibliografia Inédito.			
Observações: O sítio encontra-se sobre a área de intervenção definida pelo traçado do ramal de ligação à rede eléctrica nacional (alternativa 1)			
			



Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 07	Designação Romão 1	Lugar/Topónimo Romão	Freguesia / Concelho São Martinho do Peso/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 129,22 P= 196,60 H= 675m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Achado isolado		Período cronológico Indeterminado	
Descrição Lâmina sobre xisto com retoque lateral, recolhida num dos patamares baixos, entre duas linhas de água, da encosta noroeste do Romão.			
Ameaças Agricultura / Abandono	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Bom	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Toma-se o estradão que segue desde a exploração agrícola que se situa a Sul de Valcerto em direcção ao alto do Romão.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 7.1		Espólio Recolheu-se a peça lítica acima descrita.	
Bibliografia Inédito.			
Observações:			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 08	Designação Romão 2	Lugar/Topónimo Romão	Freguesia / Concelho São Martinho do Peso/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 129,47 P= 196,37 H= 700m	Altitude m	AHE Algoso ZONA 3
Tipo de sítio Fonte		Período cronológico Contemporâneo	
Descrição Fonte e reservatório de água de planta rectangular adossado a afloramentos quartzíticos dos quais jorra água de nascente situada na confluência de linhas de água com a Ribeira das Lagas.			
Ameaças Abandono	Uso do Solo Baldio	Estado de Conservação Bom	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Toma-se o estradão que segue desde a exploração agrícola que se situa a Sul de Valcerto em direcção ao alto do Romão.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 8.1		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia Inédito.			
Observações:			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 09	Designação Romão 3	Lugar/Topónimo Romão	Freguesia / Concelho São Martinho do Peso/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 129,35 P= 196,27 H= 730m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Achado isolado		Período cronológico Indeterminado	
Descrição Peça lítica recolhida à superfície do terreno, num pequeno outeiro sobranceiro à Ribeira das Lagas, na encosta noroeste do Romão. Trata-se de uma lasca sobre grauvaque, muito erodida, de secção plano-convexa e contorno ovalado.			
Ameaças Agricultura	Uso do Solo Baldio	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Toma-se o estradão que segue desde a exploração agrícola que se situa a Sul de Valcerto em direcção ao alto do Romão.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 9.1		Espólio Recolheu-se a peça lítica acima descrita.	
Bibliografia Inédito.			
Observações:			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 10	Designação Romão 4	Lugar/Topónimo Romão	Freguesia / Concelho São Martinho do Peso/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 130,02 P= 195,65 H= 800m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Vestígios de superfície		Período cronológico Indeterminado	
Descrição Junto ao topo do Romão, a prospeção revelou escassa cerâmica, algum material de construção (telha), um fragmento de granito (eventualmente pertencente a um elemento de mó de vaivém), material que poderá evidenciar a presença de ocupação humana de época indeterminada numa zona localizada a ca. de 70m para poente do vértice geodésico.			
Ameaças Agricultura/Abandono	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação --	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Toma-se o estradão que segue desde a exploração agrícola que se situa a Sul de Valcerto em direcção ao alto do Romão.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 10.1		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia Inédito.			
Observações:			
			

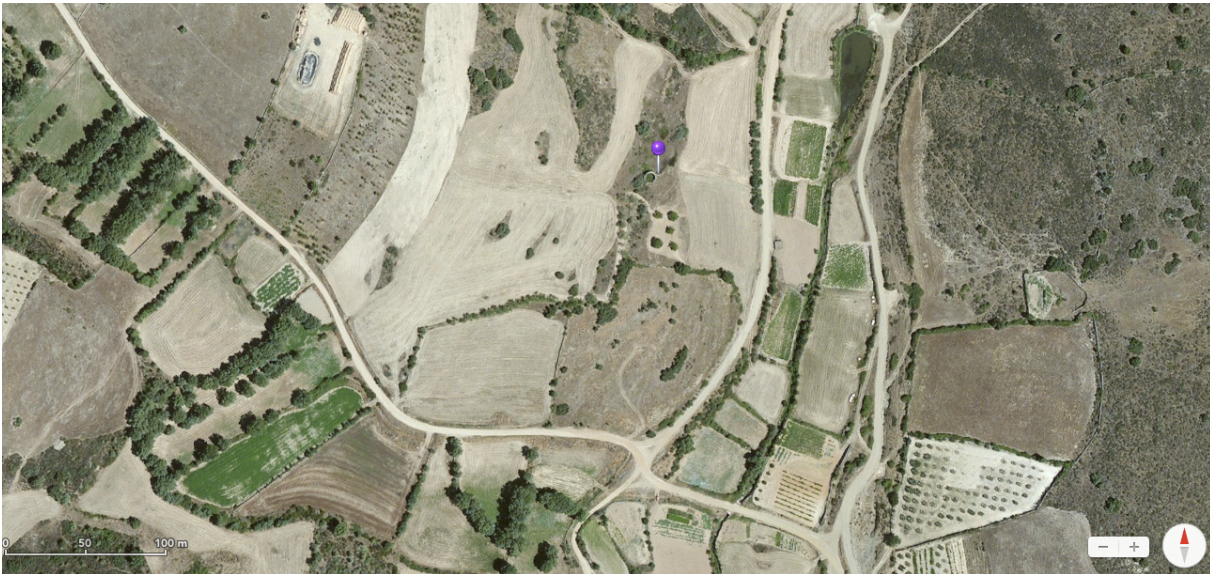
Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 11	Designação Romão 5	Lugar/Topónimo Romão	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 130,94 P= 195,11 H= 750m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Vestígios de superfície		Período cronológico Romano / Contemporâneo	
Descrição Sobre um esporão baixo e de relevo suave, virado a sudoeste, na encosta do Romão sobranceira a Saldanha e ao sítio do Lombo do Ouro, encontra-se um casebre, ainda em uso, de planta rectangular e construção em pedra seca. Na parede de xisto que ladeia a porta de entrada foram inseridos alguns fragmentos de granito. A prospeção do terreno, lavrado para o plantio de vinha, imediatamente a NW do casebre, revelou a presença de cerâmica de época romana e de época contemporânea. Entre esta, recolhemos fragmentos pertencentes a uma pequena taça com vestígios de pintura e engobe e fragmentos de bordo pertencente a um recipiente de grandes dimensões.			
Ameaças Agricultura	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo a EN 600-1 na direcção de Saldanha, corta-se à esquerda no Vale Cimeiro para o estradão que conduz ao alto do Romão. O sítio foi detectado num dos primeiros patamares, em esporão virado a SE, actualmente cultivado com vinha.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 11.1 e 11.2.		Espólio Foram recolhidos fragmentos de cerâmica romana e moderna (v. fotos do espólio do sítio 11).	
Bibliografia Inédito			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			



Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 12	Designação Lombo do Ouro	Lugar/Topónimo Vale Cimeiro	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131,35 P= 194,84 H= 730m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Habitat		Período cronológico Romano	
Descrição Sítio de habitat de época romana, que ocupa o topo e encostas suaves de um cabeço de contorno ovalado. Refere-se, na descrição constante no Endovélico, a identificação de um forno de cerâmica na encosta, numerosos achados de cerâmica e materiais de construção, bem como de um bloco de <i>opus signinum</i>.			
Ameaças Agricultura		Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Regular
Proprietário --		Classificação --	Protecção --
Acessos Seguindo a EN 600-1 na direcção de Saldanha, corta-se à esquerda no Vale Cimeiro para o estradão que conduz ao cimo de um outeiro ocupado actualmente por estruturas de apoio à exploração agrícola.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 12.1		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia seleccionada LEMOS, Francisco Sande, 1993. Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental, Braga: Universidade do Minho, 6 vols. NETO, Joaquim Maria. 1975. O Leste do Território Bracarense, Torres Vedras: A União, p. 363. ALVES, Francisco Manuel. 1934. Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte: Porto: Emp. Guedes, vol. 9, p. 718.			
Observações: Consta no inventário patrimonial - Endovélico – com o CNS 5358. De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 13	Designação Santa Marinha	Lugar/Topónimo Santa Marinha	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 132,00 P= 195,35 H= 690m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Necrópole		Período cronológico Romano/Idade Média (?)	
Descrição A actual capela, de traça moderna, foi construída no sítio de uma necrópole de época romana, facto atestado não só pelos importantes achados de material cerâmico à superfície mas igualmente a presença de inúmeras lápides funerárias provenientes deste outeiro que se ergue sobre o lado nascente do caminho natural de acesso ao esporão. De acordo com a descrição contida no Endovélico, conservam-se fragmentos de 3 inscrições provenientes do adro da Igreja de Santa Marinha no Museu de Mogadouro, outras três encontram-se inseridas na estrutura construtiva da actual capela e duas guardadas na sacristia. Uma possível estela jaz, no interior da capela, na base do arco triunfal e outras duas, no exterior, inseridas nos cunhais direito e esquerdo da porta de entrada do edifício. Contabilizam-se actualmente oito lápides, em mármore e calcário, epigrafadas de Santa Marinha.			
Ameaças Vandalismo/Construção civil	Uso do Solo Urbano	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos À entrada da povoação de Saldanha, corta-se à direita para um caminho alcatroado que conduz ao cemitério e Igreja de Santa Marinha.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 13.1 e 13.2.		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia seleccionada LEMOS, Francisco Sande, 1993. Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental, Braga: Universidade do Minho, 6 vols. NETO, Joaquim Maria. 1975. O Leste do Território Bracarense, Torres Vedras: A União, p. 363. ALVES, Francisco Manuel. 1934. Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte: Porto: Emp. Guedes, vol. 9, p. 718.			
Observações: Consta no inventário patrimonial - Endovélico – com o CNS 5652. De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
 			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 14	Designação Saldanha 1	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131,31 P= 195,10 H= 700m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Vestígios de superfície		Período cronológico Idade Média/Moderno (?)	
Descrição Detectaram-se escassos fragmentos de cerâmica produzida a torno numa pequena elevação (cota 695m) a SE da estrada nacional e do ramal da linha eléctrica. Não se identificaram quaisquer estruturas ou acumulações de pedra nas imediações.			
Ameaças Agricultura	Uso do Solo Agrícola/baldio	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo pela EN 600-1, antes de Saldanha, corta-se à direita, em Vale Cimeiro, para um caminho desce até à Ribeira do Repasquinho.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 14.1		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 15	Designação Saldanha 2	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131,69 P= 195,12 H= 700m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Pombal		Período cronológico Contemporâneo	
Descrição Pombal situado no topo NE da elevação sobranceira à Ribeira do Repasquinho. Cremos que terá sido construído em meados do século XX já que não se encontra cartografado nas CMP da década de 1940.			
Ameaças Abandono	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Bom	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo pela EN 600-1, antes de Saldanha, corta-se à direita, em Vale Cimeiro, para um caminho desce até à Ribeira do Repasquinho.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 15.1		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 16	Designação Saldanha 3	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131,85 P= 195,00 H= 690m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Vestígios de superfície		Período cronológico Idade Média /Moderna (?)	
Descrição Num terreno lavrado nas encostas voltadas a nordeste e nascente de uma suave elevação entre Vale Cimeiro e Saldanha, identificou-se uma área de dispersão de cerâmica, onde abundam fragmentos muito rolados, inclusivamente de telhas, o que poderá indiciar a presença de um sítio arqueológico naquele outeiro.			
Ameaças Agricultura	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo pela EN 600-1, antes de Saldanha, corta-se à direita, em Vale Cimeiro, para um caminho desce até à Ribeira do Repasquinho.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 16.1 e 16.2		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			



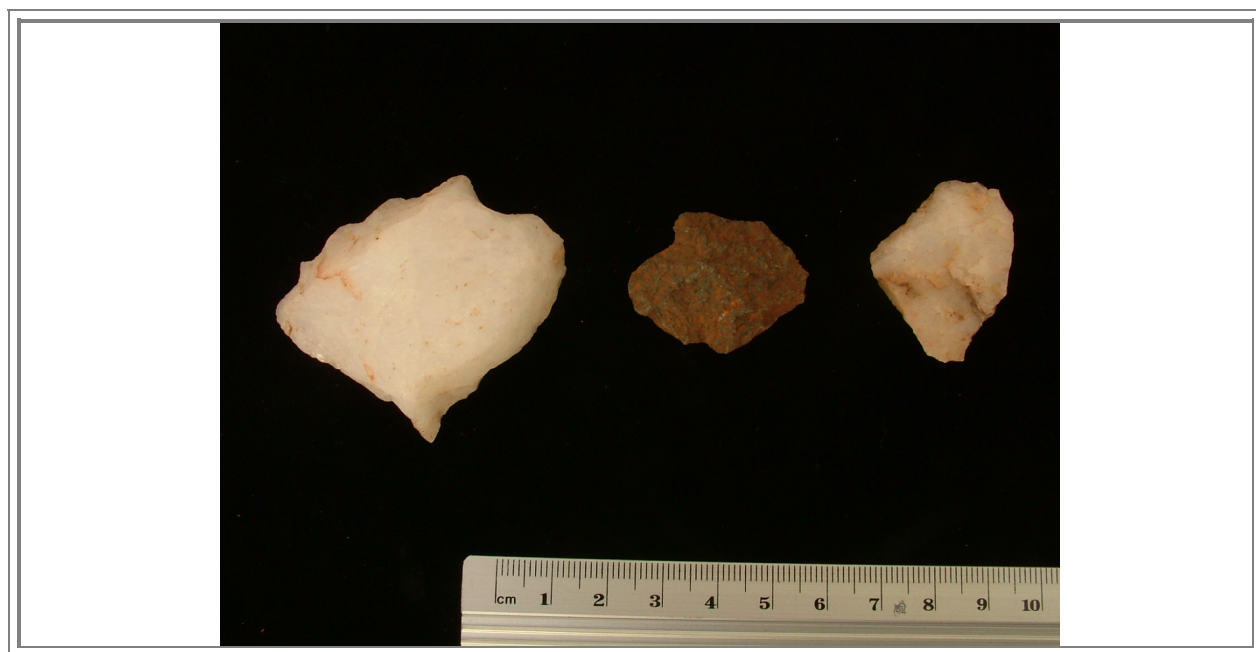
Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 17	Designação Saldanha 4	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131,90 P= 194,97 H= 678m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Pombal		Período cronológico Contemporâneo	
Descrição O Pombal (2) situa-se numa vertente algo íngreme sobranceira à Ribeira do Repasquinho, a ca de 100m a SE do sítio 16. Actualmente em ruínas, apresenta planta circular, entrada aberta a norte e a cobertura encontra-se bastante destruída.			
Ameaças Abandono	Uso do Solo Baldio	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo pela EN 600-1, antes de Saldanha, corta-se à direita, em Vale Cimeiro, para um caminho desce até à Ribeira do Repasquinho.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 17.1.		Espólio Não foi recolhido espólio.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 18	Designação Saldanha 5	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131,77 P= 194,78 H= 670m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Vestígios de superfície		Período cronológico Indeterminado	
Descrição O limite meridional da elevação onde se localizam os sítios 15, 16 e 17 confina com um caminho rural, aberto mediante a escavação de um talude com ca de 3m de altura. O corte parece guardar indícios de estratigrafias arqueológicas: assinalamos vestígios de um muro (o que nos parece ser a secção interna de uma estrutura cortada pelo caminho), nas imediações do qual foram recolhidos um fragmento de cerâmica manual com pasta castanha e muito micácea e cerâmica montada a torno, de pasta vermelha.			
Ameaças Rede viária	Uso do Solo Outros	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo pela EN 600-1, antes de alcançar Saldanha, corta-se à direita, em Vale Cimeiro, para um caminho desce até à Ribeira do Repasquinho.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 18.1.		Espólio Foram recolhidos dois fragmentos cerâmicos.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 19	Designação Simoneira	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 132,53 P= 194,76 H= 720m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Vestígios de superfície		Período cronológico Pré-história	
Descrição Nas encostas setentrionais do Serro, que se eleva entre as ribeiras do Repasquinho e Andorinhas, num terreno lavrado sobre um pequeno esporão virado a norte recolhemos uma pequena lasca em sílex e uma peça lítica sobre quartzo. Poderão corresponder estes achados, espalhados pelo arado, à proximidade de um eventual sítio de habitat de cronologia Pré-histórica. É de salientar que não foi detectada cerâmica manual, apenas fragmentos de telha provenientes talvez de uma casa, em alvenaria de xisto, desabitada, localizada nas imediações. A poucos metros deste local, ergue-se um moroiço onde jazem grandes lajes de xisto, algumas com talhe nas extremidades, que parecem ter sido extraídas de uma pedreira próxima.			
Ameaças Agricultura	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo pela EN 600-1, antes de alcançar Saldanha, corta-se à direita, em Vale Cimeiro, para um caminho desce até à Ribeira do Repasquinho, inflecte-se à esquerda e segue-se pelo caminho que atravessa a Ribeira e que sobe em direcção ao Cabeço do Monte de Vento.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 19.1. e 19.2.		Espólio Foram recolhidas uma peça lítica em sílex, um fragmento de lâmina sobre quartzo.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: Os materiais arqueológicos foram recolhidos à superfície do terreno, num raio de ca. de 100m do ponto cartografado. De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			



Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 20	Designação Peinada 1	Lugar/Topónimo Peinada	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 133,90 P= 194,73 H= 710m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Vestígios de superfície		Período cronológico Pré-história	
Descrição Num terreno que se situa no escalonamento superior de uma encosta da Peinada sobranceira à Ribeira das Andorinhas, verificou-se que, à superfície do solo xistoso, abundavam blocos de quartzo, incluindo alguns seixos. Alguns fragmentos aparentavam tratar-se de produtos de talhe. Identificaram-se algumas lascas corticais, uma peça lítica retocada sobre quartzo a par de duas de lascas, uma sobre quartzo e uma outra sobre grauvaque.			
Ameaças Agricultura	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo pela EN 600-1, antes de alcançar Saldanha, corta-se à direita, em Vale Cimeiro, para um caminho que atravessa a Ribeira do Repasquinho e sobe em direcção à Peinada.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 20.1. e 20.2.		Espólio Foram recolhidas uma raspadeira/perfurador sobre quartzo, e duas lascas sobre grauvaque e quartzo.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: Os achados de material arqueológico à superfície do terreno distribuem-se num raio de ca. de 100m em redor do ponto cartografado. De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			



Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 21	Designação Peinada 2	Lugar/Topónimo Peinada	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 133,90 P= 194,73 H= 710m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Vestígios de superfície		Período cronológico Pré-história	
Descrição No sector norte do topo da elevação da Peinada a prospecção de um campo lavrado revelou uma área de dispersão de material lítico talhado sobre quartzo, elementos pétreos que abundam sobre o solo xistoso. Entre o espólio recolhido destaca-se uma lasca cortical, uma raspadeira de secção plano-convexa com vestígios de retoque, provisoriamente atribuível ao Paleolítico. Foi recolhido também um pequeno fragmento cerâmico de pasta vermelha escura, micácea e superfície externa regularizada, de cronologia indeterminada.			
Ameaças Agricultura	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo pela EN 600-1, antes de alcançar Saldanha, corta-se à direita, em Vale Cimeiro, para um caminho que atravessa a Ribeira do Repasquinho e sobe em direcção à Peinada.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 21.1		Espólio Foram recolhidas 5 peças líticas em quartzo e um pequeno fragmento cerâmico.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: Os achados de material arqueológico à superfície do terreno distribuem-se num raio de ca. de 80m em redor do ponto cartografado. De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 22	Designação Peinada 3	Lugar/Topónimo Peinada	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 134,05 P= 194,50 H= 700m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Vestígios de superfície		Período cronológico Pré-história	
Descrição No quadrante nascente do topo da elevação da Peinada, assinalámos a presença uma área de dispersão de material lítico talhado sobre quartzo, elementos pétreos que abundam sobre o solo xistoso. Entre o espólio recolhido conta-se uma macro-lasca sobre quartzo, de secção plano-convexa, toscamente talhada e subprodutos de talhe.			
Ameaças Agricultura	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Seguindo pela EN 600-1, antes de alcançar Saldanha, corta-se à direita, em Vale Cimeiro, para um caminho que atravessa a Ribeira do Repasquinho e sobe em direcção à Peinada.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 22.1		Espólio Foi recolhido o espólio acima referido.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: A dispersão de material lítico estende-se num raio de aproximadamente 30m em redor do ponto cartografado. De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 23	Designação Granja	Lugar/Topónimo Granja	Freguesia / Concelho Saldanha/ Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 134,83 P= 194,44 H= 630m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Vestígios de superfície		Período cronológico Pré-história /Moderno	
Descrição Na zona mais baixa da vertente da Peinada, num esporão virado a nascente sobranceiro à aldeia da Granja, recolhemos, à superfície do terreno ocupado por um olival, uma possível lasca sobre quartzo, fracturada mas que ostenta 3 levantamentos longitudinais, um fragmento de telha de pasta laranja clara e heterogénea e um pequeno fragmento de cerâmica muito erodido.			
Ameaças Agricultura	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Da extremidade poente da aldeia da Granja parte um estradão que segue até ao alto da Peinada. O sítio 23 situa-se no esporão com cota máxima de 634m, a Sul do caminho.			
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 23.1 e 23.2.		Espólio Recolheu-se o espólio acima descrito.	
Bibliografia Inédito.			
Observações: Os fragmentos cerâmicos foram recolhidos em torno de uma pequena área centrada no ponto cartografado. De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			



Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 24	Designação Castelo (CNS 5359)	Lugar/Topónimo Saldanha	Freguesia / Concelho Saldanha, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 132.314 P= 195.625 H= 648 m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Achado Isolado		Período cronológico Indeterminado (Romano? Idade Média?)	
Descrição De acordo com o registo constante na base de dados patrimonial 'Endovélco' (http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=52179) este topónimo aplica-se ao sítio da Torre, na própria aldeia de Saldanha. Referências assinalam que neste local terão surgido moedas, não especificando qualquer outra informação de cariz tipo-cronológica ou do local exacto de proveniência.			
Ameaças	Uso do Solo urbano	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 24.1.		Espólio	
ALVES, Francisco Manuel (1915) - Estudos arqueológicos do Major Celestino Beça. In O Arqueólogo Português. Lisboa. 1ª série: 20, p. 74106. ALVES, Francisco Manuel (1938). Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte. Porto: Emp. Guedes, Vol. 10, p. 873.			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 25	Designação Torre de Saldanha (CNS 4238)	Lugar/Topónimo Torre de Saldanha	Freguesia / Concelho Saldanha, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 132.380 P= 195.614 H= 646 m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Povoado fortificado		Período cronológico Idade do Ferro, Romano, Idade Média	
Descrição De acordo com o registo constante na base de dados patrimonial 'Endovélco' (http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=52179) trata-se de uma povoado fortificado de pequenas dimensões localizado na zona mais avançada do esporão onde actualmente se situa a aldeia de Saldanha, sobre um cabeço, na extremidade nordeste, designado localmente por Torre. Subsistem alguns vestígios materiais e estruturais de época medieval. Na vertente subsistem taludes que corresponderão a uma linha de muralha. Ao longo do caminho são abundantes materiais arqueológicos designadamente cerâmicas de cronologia da Idade do Ferro e período romano, ao qual pertencem ainda as inscrições da Igreja de Saldanha.			
Ameaças	Uso do Solo urbano	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 24.1		Espólio	
Bibliografia NETO, Joaquim Maria (1975). O Leste do Território Bracarense. Torres Vedras: A União, p. 371. MOURINHO, António Maria (1987) - Epigrafia latina de entre Sabor e Douro desde o falecimento do Abade de Baçal 1947 (continuação). In Brigantia. Bragança. 7:12, p. 101132. SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins e Câmara Municipal de Paços de Ferreira.			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 26	Designação Igreja da Saldanha (CNS 5653)	Lugar/Topónimo Saldanha	Freguesia / Concelho Saldanha, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 132.414 P= 195.680 H= 644m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Igreja		Período cronológico Medieval/Moderno	
Descrição Situada no interior do povoado fortificado de Torre de Saldanha (ocorrência 25) preserva, de acordo com o registo constante na base de dados patrimonial 'Endovélico' (http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=52179), alguns elementos de origem medieval. O portal frontal de estilo gótico e o lateral poderá ter origem românica. Na Igreja foram encontradas três inscrições romanas, duas das quais estavam inseridas no altar-mor, que se encontram em depósito, em condições precárias, num edifício junto da Igreja, conhecido como Casa do Despejo. Uma destas é uma ara votiva a Júpiter dedicada por um veterano da VII legião.			
Ameaças	Uso do Solo Urbano	Estado de Conservação	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 26.1		Espólio	
Bibliografia MOURINHO, António Maria (1972) - Ara a Júpiter Depulsor: dedicada por um veterano da Legio VII Gemina. In Revista da Faculdade de Letras. Porto. 3, p. 327331. MARCOS, Domingos dos Santos (1998) - Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês. In Brigantia. Bragança. 18:12, p. 27111.			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 27	Designação Valcerto 1	Lugar/Topónimo Valcerto	Freguesia / Concelho São Martinho do Peso/Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 129,498 P= 197,661 H= 651 m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Pombal		Período cronológico Idade Moderna / Contemporâneo	
Descrição Pombal em ruínas que se situa em terrenos agrícolas lavrados imediatamente a norte de uma residência particular. A estrutura apresenta planta em ferradura com fachada em linha recta e abertura virada a SSW. A cobertura encontra-se destruída mas teria tido originalmente telhado de uma água do qual sobeja uma fiada de lajes de xisto que circunda parte do edifício. A entrada encontra-se colmatada por vegetação, razão pela qual não foi possível inspecionar o interior.			
Ameaças	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Razoável	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 27.1, 27.2., 27.3.		Espólio	
Bibliografia Inédito			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			



Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 28	Designação Lombo 1	Lugar/Topónimo Lombo	Freguesia / Concelho Saldanha/Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131,580 P= 196,376 H= 651 m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Achado isolado		Período cronológico Indeterminado	
Descrição O topónimo Lombo corresponde a uma suave elevação a Leste da aldeia de Valcerto que se alonga em arco de SW para norte. É delimitado a nascente e poente por duas linhas de água tributárias da Ribeira da Ponte do Pau, sendo a primeira – a Ribeirinha - cava um vale mais profundo de encostas declivosas. Num dos campos lavrados do lado norte do caminho que segue pelo topo do esporão que foi detectado, à superfície do solo, um nódulo de barro compacto que poderá tratar-se de 'barro de cabana' e um diminuto fragmento de bordo de um recipiente cerâmico de pasta laranja claro com abundantes inclusões de quartzo. Estes vestígios, embora incipientes, poderão indiciar a presença de uma ocupação eventualmente de cronologia pré-histórica ao longo do esporão.			
Ameaças	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação --	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 28.1 e 28.2.		Espólio	
Bibliografia Inédito			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			



Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 29	Designação Menir-estela de Saldanha	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Saldanha, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 132,388 P= 195.677 H= 649 m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Menir		Período cronológico Neo-Calcolítico	
Descrição Do lado norte do largo da Igreja de Saldanha, num pequeno recanto ajardinado, serve de banco para repouso e abrigo, um monumental monólito claramente afeiçãoado, com 3,50 m de comprimento, ca. de 0,80 m de largura, 0,70 m de espessura na zonal distal; 0,60 m na zona mesial e 0,25 m na zona proximal. As informações orais obtidas não permitem esclarecer o local da aldeia onde se encontrava 'há muito tempo' antes de ter sido colocada neste local nem tampouco a sua proveniência original. Trata-se de uma peça talhada em graúvaque local, com um grau de erosão apreciável. Apresenta secção sub-ovalada na base (que aparenta encontrar-se truncada) e subrectangular no topo, o que justifica a classificação tipológica. Pese embora sob condições de luminosidade pouco favoráveis, foi possível observar a presença de diversas 'cavinhas' gravadas na sua face superior e visível, elementos gráficos que ocorrem frequentemente neste tipo de monumentos da Pré-história recente associados ao megalitismo. A superfície da peça carece de visualização mais atenta com o objectivo de definir com maior acuidade a sua componente decorativa.			
Ameaças	Uso do Solo urbano	Estado de Conservação Bom	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Registo fotográfico Fichas de ocorrência – registo fotográfico 29.1		Espólio	
Bibliografia Inédito			
Observações: De acordo com o EVTE do AHE de Algosó- Senhora da Assunção de 2014, o sítio não se encontra dentro das áreas de afectação do projecto.			
			



Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 30	Designação Paizada /Manga 1 (CNS 19580)	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Castanheira, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 129.591.98 P= 192397.42 H= m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Monumento Megalítico		Período cronológico Neo-Calcolítico	
Descrição “Domingos Marcos descreve este monumento como sendo um pequeno monte de terra de forma arredondada, saliente na paisagem, com 18 metros de diâmetro, sem cratera de violação central nem esteios visíveis. O monumento foi entretanto praticamente destruído pela agricultura, assinalando-se apenas por uma levíssima elevação no terreno, já quase imperceptível, e por uma concentração inusual de pedras de xisto e quartzo branco. Integra um grupo de pelo menos cinco monumentos, do qual fazem ainda parte o outro monumento da Manga e os 3 monumentos da Pena do Mocho. Encontra-se no limite Oeste do grupo, numa zona plana sobranceira à nascente da pequena linha de água ao longo da qual se distribuem todos estes monumentos.” http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2257700			
Ameaças	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos			
Registo fotográfico		Espólio	
Bibliografia MARCOS, Domingos dos Santos (1993) - Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês (PréHistória). In Brigantia. Bragança. 13:34, p. 193233.			
Observações: O sítio encontra-se a uma distância de ca. de 300m do traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica nacional .			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 31	Designação Manga 2 (CNS 19581)	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Sanhoane, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 130.381.95 P= 192.487.34	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Monumento Megalítico		Período cronológico Neo-Calcolítico	
Descrição “Este sítio será seguramente um monumento megalítico, apesar da sua identificação ser difícil, pois está quase completamente destruído pela agricultura. No local assinala-se ainda uma pequena elevação no terreno, pontuada com muitas pedras, incluindo pelo menos um pedaço de granito, que não pertence à geologia local. A população refere também que muitas pedras foram retiradas e acumuladas numa vedação ao lado, assinalando ainda que só neste altinho é que apareciam grandes quantidades de pedras, ao contrário dos terrenos ao lado. Implanta-se na extremidade Leste de um lombeiro suave, delimitado a Norte e a Sul por duas pequenas linhas de água, incluindo a ribeira ao longo da qual se distribuem os dois monumentos da Manga e os 3 da Pena do Mocho. Cerca de 800 metros a Oeste fica o monumento de Paizada/Manga 1, enquanto que uns 300 metros a Leste se situam os dois monumentos da Pena do Mocho 1 e 2.” http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2257704			
Ameaças	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos “A partir de Sanhoane segue-se pela estrada 1163 em direcção ao cruzamento da Castanheira. A meio caminho, numa curva apertada da estrada, surge à direita um caminho de terra batida, que segue para Norte, cruzando uma linha de água. Os monumentos Pena do Mocho 1 e 2 ficam do lado direito (Leste) deste caminho, enquanto que o monumento da Manga 2 fica do outro lado, numa zona mais elevada.”			
Registo fotográfico		Espólio	
Bibliografia MARCOS, Domingos dos Santos (1998) - Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês. In Brigantia. Bragança. 18:12, p. 193-233 ALVES, Francisco Manuel (1915). Estudos arqueológicos do Major Celestino Braga. In O Arqueólogo Português. Lisboa. 1ª série: 20, p. 741-106			
Observações: O sítio encontra-se a uma distância de ca. de 400m do traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica nacional .			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 32	Designação Medorra de Vale Figueira / Pena do Mocho 3 (CNS 5449)	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Sanhoane, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131.481.96 P= 192.527.42 H= m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Monumento Megalítico		Período cronológico Neo-Calcolítico	
Descrição “Pela descrição local, este seria o maior de todos os monumentos da zona de Sanhoane, devendo ser a este que se aplicam as referências bibliográficas mais antigas. Situa-se na extremidade Leste do grupo de cinco monumentos, os dois da Manga e os três da Pena do Mocho. Actualmente, encontra-se muito destruído pela agricultura, reduzindo-se a um pequeno montículo arredondado, pouco perceptível na paisagem, distinguindo-se pela concentração inusual de pedras de quartzo branco que lhe compunham a couraça. Está na margem direita do ribeiro do Repasquinho, na parte superior do vale, sendo de todos os cinco monumentos o que mais se afasta da ribeira e o que mais se destaca topograficamente, dominando visualmente o monumento da Manga 2 e Pena do Mocho1 e 2.” http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=50659			
Ameaças	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos Situa-se a cerca de 900 metros a Leste dos monumentos Pena do Mocho 1 e 2, ao lado de um caminho de terra batida. Pode-se aceder por caminhos de terra batida que arrancam da estrada 1163, perto dos outros monumentos, ou directamente a partir de Sanhoane			
Registo fotográfico		Espólio	
Bibliografia			
Observações: O sítio encontra-se a uma distância superior a 500m do traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica nacional .			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 33	Designação Mural (CNS 19584)	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Sanhoane, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 129.181.95 P= 190.727.45 H= m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Monumento Megalítico		Período cronológico Neo-Calcolítico	
Descrição “Este monumento encontra-se coberto por uma densa mata de carvalheiras, rodeada de campos agrícolas, pelo que a sua descrição adequada não é possível. No entanto, poderá talvez ser o mais bem preservado dos vários monumentos desta zona, pois é o único que nunca foi atingido pela agricultura moderna. Tem uma interessante implantação no sopé Leste de um cabeço arredondado, precisamente no espaço intermédio de uma pequena portela entre duas nascentes de duas pequenas ribeiras, que correm em direcções opostas. Trata-se de um monumento de pequenas dimensões, que poderá ter uns 15 metros de diâmetro, e pouco ultrapassará o meio metro de altura. Entre o mato é possível perceber o montículo do tumulus, formado por terra e pedras, mas não se percebe se tem cratera de violação, e não se lhe conhecem esteios.” http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2257718			
Ameaças	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Regular	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos “O acesso mais fácil e directo faz-se a partir da estrada 600-1. Segue-se por esta estrada para Norte, em direcção ao cruzamento para as aldeias da Castanheira e Sanhoane. Cerca de 2 Km antes do cruzamento desvia-se à direita por um caminho de terra batida, o qual sobe uma pequena serra e leva a Sanhoane. Cerca de 600 metros depois de se sair da estrada, atinge-se um primeiro desvio à esquerda, e o monumento fica encostado a esse novo caminho, cerca de 70 metros do lado esquerdo do caminho para Sanhoane.” “			
Registo fotográfico		Espólio	
Bibliografia			
O sítio encontra-se a uma distância superior a 500m do traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica nacional .			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 34	Designação Pena Mosqueira 2 (CNS 5602)	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Sanhoane, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131.451.95 P= 188.977.44 H= m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Monumento Megalítico		Período cronológico Neo-Calcolítico	
Descrição “Este parece ser o maior e mais importante dos quatro monumentos do grupo da Pena Mosqueira, sendo aliás o único do qual se avistam em simultâneo todos os restantes. Está actualmente muito afectado pela agricultura, mas teria uns 25 metros de diâmetros, e cerca de 1.5 metros de altura. Pelo menos actualmente não tem cratera de violação central, e não se lhe conhecem esteios. Tal como os outros monumentos do grupo, a couraça é maioritariamente constituída por pedras de quartzo branco.” http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=51046			
Ameaças	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos “Chegando-se a Pena Mosqueira 1, e continuando pela estrada 221 em direcção a Miranda do Douro, tem-se logo a seguir um desvio à esquerda, que segue obliquamente à estrada, aproveitando inicialmente um troço desactivado da própria estrada 221. Quando se entra em terra batida, o monumento 2 surge do lado esquerdo, a uns 100 metros do caminho.”			
Registo fotográfico		Espólio	
Bibliografia MARCOS, D. S. 1993. Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês (Pré-histórico), <i>Brigantia</i>, 13:34, p. 193-233 AZEVEDO, P. 1902. Extractos archeológicos das “Memorias Parochiaes de 1758” <i>O Arqueólogo Português</i> 1ª série, 7, p. 27-32, 74-79, 123-128, 190-192, 267-272, 319-320			
Observações: O sítio encontra-se a uma distância de ca. de 350m do traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica nacional .			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 35	Designação Pena Mosqueira 3 (CNS 5603)	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Sanhoane, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 131.951.96 P= 189.257.38 H= m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Monumento Megalítico		Período cronológico Neo-Calcolítico	
Descrição “Integra um núcleo megalítico, numa zona planáltica. Consistiu-se por uma mamoa de forma sub-elíptica, com um eixo maior N-S de 23m e um eixo menor com cerca de 1,5m para NW. O tumulus não era muito alto. Identificaram-se várias lages ao longo do monumento, algumas das quais encontram-se decoradas com pinturas e outras apresentam ocre nas suas superfícies. Parte do chão do monumento encontrava-se coberto de ocre.” http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=51047			
Ameaças	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos “O acesso é o mesmo que para Pena Mosqueira 2, ficando-lhe cerca de 600 metros a Nordeste, do lado esquerdo do mesmo caminho” “			
Registo fotográfico		Espólio	
Bibliografia SANCHES, Maria de Jesus (1989) -5 datas para a Pré-história recente do Leste de Trás-os-Montes. In Arqueologia. Porto. 19, p. 114-115 SANCHES, Maria de Jesus (1987) – A Mamoa 3 da Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro). In Arqueologia. Porto. 15, p 941-115 SANCHES, Maria de Jesus (1992) – Pré-História recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes). In Monografias Arqueológicas. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, (Monografias Arqueológicas, 3), p. 170. MARCOS, Domingos dos Santos (1993) - Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês (Pré-História). In Brigantia. Bragança. 13:34, p. 193-233. JORGE, Vítor de Oliveira (1982). Megalitismo do Norte de Portugal: Distrito do Porto Os Monumentos e a sua problemática no contexto europeu. Porto: Universidade do Porto, Vol. 1. ALVES, Francisco Manuel (1938). Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte. Porto: Emp. Guedes, Vol. 10, p. 873. NETO, Joaquim Maria (1975). O Leste do Território Bracarense. Torres Vedras: A União, p. 371.			
Observações: O sítio encontra-se a uma distância superior a 400m do traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica nacional .			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 36	Designação Pena do Mocho 1 (CNS 5605)	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Sanhoane, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 130.602.00 P= 192.287.43 H= m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Monumento Megalítico		Período cronológico Neo-Calcolítico	
Descrição “Juntamente com os dois monumentos da Manga, já em terrenos da freguesia da Castanheira, os três monumentos da Pena do Mocho formam um grupo megalítico de cinco elementos, que se estendem de Oeste para Leste, ao longo do curso inicial de uma pequena linha de água, o ribeiro do Repasquinho, que forma um pequeno mas alargado vale agrícola. O monumento de Paizada/Manga 1 está no extremo Oeste do grupo, sobranceiro à nascente do ribeiro, enquanto que o monumento da Medorra de Vale de Figueiras/Pena do Mocho 3 se encontra no limite Leste do grupo. A meio concentram-se os monumento da Manga 2 e Pena do Mocho 1 e 2, a curta distância uns dos outros, de um e outro lado do ribeiro, com a particularidade de Pena do Mocho 2 se situar quase em cima do leito do ribeiro. Pena do Mocho 1 fica na margem direita do ribeiro, cerca de 150 metros acima e a Sul de Pena do Mocho 2, no meio de um campo lavrado. A agricultura dispersou as pedras da couraça, e a mamoa já pouco se distingue na paisagem. Era de pequenas dimensões, com cerca de 15 metros de diâmetro. Não se lhe conhece a existência de esteios nem de cratera de violação. À semelhança dos outros monumentos da zona, a couraça é maioritariamente composta por pedras de quartzo branco.” http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=51048			
Ameaças	Uso do Solo Agricultura	Estado de Conservação Mau	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos “A partir de Sanhoane segue-se pela estrada 1163 em direcção ao cruzamento da Castanheira. A meio caminho, numa curva apertada da estrada, surge à direita um caminho de terra batida, que 100 metros à frente cruza com outro caminho. Pena do Mocho 1 fica a cerca de 100 metros a Norte do cruzamento, no meio de um campo agrícola.”			
Registo fotográfico		Espólio	
Bibliografia MARCOS, Domingos dos Santos (1993) - Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês (Pré-História). In Brigantia. Bragança. 13:34, p. 193-233. SANCHES, Maria de Jesus (1992) – Pré-História recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes). In Monografias Arqueológicas. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, (Monografias Arqueológicas, 3), p. 170.			
Observações: O sítio encontra-se a uma distância de ca. de 500m do traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica nacional .			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 37	Designação Pena do Mocho 2 (CNS 5606)	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Sanhoane, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 108	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 130.661.99 P= 192.417.39 H= m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Monumento Megalítico		Período cronológico Neo-Calcolítico	
Descrição “Já nada se distingue no terreno deste monumento, pois a agricultura nivelou por completo a zona onde se encontrava. Era um monumento de pequena dimensão, com cerca de 18 metros de diâmetro, um pouco maior que Pena do Mocho 1, que fica um pouco acima, cerca de 150 metros a Sul. Pena do Mocho 2 tem a particularidade de se encontrar praticamente em cima do leito do pequeno ribeiro do Repasquinho, estando assim perfeitamente oculta na paisagem, mas com visibilidade directa para os monumentos de Pena do Mocho 1 e da Manga 2, ambos a cotas mais elevadas. Em 1990, face ao perigo de destruição total, foi alvo de uma escavação arqueológica, que permitiu conhecer a estrutura e fases construtivas do monumento. Não tem uma câmara megalítica típica, mas sim um poço central, de apreciáveis dimensões, rodeado pelo tumulus. Não apareceram vestígios osteológicos dos enterramentos, e o espólio recolhido foi escasso, havendo algumas escassas cerâmicas, fragmentos de mós de granito, 33 cristais de quartzo e 2 lascas de quartzo com talhe intencional. Destacam-se ainda a recolha de diversos carvões, que foram objecto de estudo antracológico e alguns de datação.” http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=51074			
Ameaças	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação Destruído	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos “O mesmo que para Pena do Mocho 1, ficando-lhe cerca de 150 metros a Norte, na parte baixa do pequeno vale, junto à linha de água.”			
Registo fotográfico		Espólio	
Bibliografia MARCOS, Domingos dos Santos (1993) - Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês (Pré-História). In Brigantia. Bragança. 13:34, p. 193-233. FIGUEIRAL, I., SANCHES, M.J. 1999. A contribuição da antracologia no estudo dos recursos florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-história Recente. Portugal – nova série. 19-20, p. 71-101 SANCHES, M.J., SILVA, M.M.S., BOTELHO, I. 1992. Mamoá 2 da Pena do Mocho, Um <i>tumulus</i> provido de um estrutura em 2poço2 (Sanhoane, Mogadouro). In Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira, III. 32:14, p. 201-234 SANCHES, Maria de Jesus (1992) – Pré-História recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes). In Monografias Arqueológicas. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, (Monografias Arqueológicas, 3), p. 170.			
Observações: O sítio encontra-se a uma distância superior a 500m do traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica nacional .			

Ficha de Ocorrência Patrimonial			
Nº 38	Designação Igreja de Sanhoane (CNS19585)	Lugar/Topónimo	Freguesia / Concelho Sanhoane, Mogadouro
CMP 1/25 000, folha 94	Coordenadas GAUSS – datum 73 M= 130.381.95 P= 192.487.34 H= m	Altitude m	AHE Algosó ZONA 3
Tipo de sítio Achado isolado		Período cronológico Romano	
Descrição “Na igreja de Sanhoane encontra-se uma estela funerária romana, encontrada em finais de 2001, por ocasião de obras de arranjo do soalho da igreja. Estava enterrada com a face para baixo, junto à pia baptismal. É uma grande estela de granito, e está intacta, apenas levemente danificada na parte lateral da cabeceira e na parte inferior. A cabeceira é semicircular, e está decorada com uma roda de 12 raios curvos. Na parte inferior apresenta duas portadas. O campo epigráfico está intacto e perfeitamente delimitado. Não conseguimos na altura fazer uma leitura da inscrição, pois as condições de luz eram inadequadas, e o campo epigráfico apresenta-se algo desgastado e de difícil visibilidade, mas pensamos que a inscrição estará intacta, e que será possível fazer a sua leitura completa. Não se sabe qual a proveniência desta estela, mas é muito provável que venha do mesmo local da outra estela de Sanhoane.” http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2257720			
Ameaças	Uso do Solo Agrícola	Estado de Conservação	
Proprietário --	Classificação --	Protecção --	
Acessos			
Registo fotográfico		Espólio	
Bibliografia			
Observações: O sítio encontra-se a uma distância superior a 500m do traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica nacional .			

7. Avaliação de impactes sobre o património

O quadro de avaliação de impactes sobre as ocorrências foi elaborado de acordo com os parâmetros seguintes:

- **Valor patrimonial** - escala de valor: Reduzido, Médio/Reduzido, Médio, Médio/Elevado, Elevado.
- **Tipo de impacte**
- **Natureza** - Directo - negativo / Indirecto-positivo
- **Magnitude** – Elevada / Média / Baixa
- **Ocorrência** - Grau de probabilidade de afectação: Certo / Provável / Pouco Provável / Improvável
- **Fase** – construção / exploração
- **Duração** – permanente, esporádica
- **Reversibilidade** – reversível / irreversível

O valor patrimonial dos sítios é aferido mediante a observância e articulação de de parâmetros que se prendem sobretudo com o estado de conservação de estruturas construídas ou do subsolo que poderá evidenciar a preservação de estratigrafias arqueológicas, existência de processos de classificação ou protecção dos imóveis, importância e potencial para a investigação histórica e arqueológica regional.

No que respeita ao conjunto dos sítios identificados sobre o traçado do ramal de ligação à rede eléctrica nacional que consta do EVTE do AHE de Algosó - Sra da Assunção, decidiu-se avaliar e caracterizar o tipo de impacto passível de sofrer. Contudo, esta avaliação tem um cariz preliminar na medida em que se apresenta nesta fase uma representação esquemática dos corredores sem referência ao local de implantação dos apoios. Visto estarmos perante um anteprojecto, o quadro de impactos deverá ser obrigatoriamente revisto aquando da realização de prospecção sistemática sobre o traçado definitivo para que se possa aferir quais as medidas a preconizar no âmbito do acompanhamento arqueológico em fase de obra. Por este motivo, não serão preconizadas, nesta fase, medidas de minimização específicas. Aquando da execução do projecto final da ligação à rede eléctrica sugere-se que seja analisada a memória descritiva relativa aos sítios arqueológicos identificados no âmbito deste projecto e atender às indicações constantes no quadro de impactes, por forma a que se possa acautelar, na medida do possível, a salvaguarda das ocorrências patrimoniais.

Ocorrência nº	Valor Patrimonial	Impacto do projecto
1.	Médio	Tipo de Impacto: Embora se trate de um achado isolado, poderá indiciar a presença de um sítio arqueológico nas imediações. O local de recolha encontra-se dentro da área de afectação do projecto, especificamente sobre o traçado definido para a conduta forçada. Natureza: Negativo Magnitude: Média Ocorrência: Provável Fase: Construção/ exploração Duração: Permanente Reversibilidade: irreversível
2.	Elevado	Tipo de Impacto: A Ponte de Algosó situa-se ca. de 260m a jusante do açude projectado e próximo dos caminhos de acesso à obra, prevendo-se o movimento de máquinas nas imediações. Não será directamente afectado pela construção dos componentes empreendimento, embora deva ser monitorizada durante a fase de construção, por forma a garantir a sua integridade estrutural, designadamente no que respeita às acções de fogo em fase de obra. A ponte ser afectada pela ocorrência de uma onda de cheia. É necessário avaliar o cariz da rectificação que se pretende realizar no acesso pela margem esquerda ao ao emboquilhamento do túnel e ao açude na medida em que pressupões a utilização de troços do caminho medieval embora não sejam aqui perceptíveis troços bem preservados de calçada em xisto à semelhança do que ocorre na margem oposta. A localização da escombreira resultante da beneficiação/prolongamento dos acessos rodoviários na margem direita numa plataforma da encosta poderá afectar a coerência do enquadramento paisagístico do conjunto patrimonial. Dependendo do volume de escombros a depositar e do grau de alteração topográfica e visual decorrente desse mesmo depósito, dever-se-á preconizar uma acção de requalificação paisagística da zona com reposição de vegetação autóctone. Natureza: Negativo Magnitude: Provável Ocorrência: Provável Fase: Construção/exploração Duração: permanente Reversibilidade: irreversível
3.	Médio /Reduzido	Tipo de Impacto: O açude 1 encontra-se no interior da área a afectar pela albufeira criada pelo açude do AHE de Algosó - Sra da Assunção. Trata-se de uma construção de dimensões consideráveis, cuja funcionalidade específica não conseguimos determinar. Natureza: Negativo Magnitude: Elevada Ocorrência: Certa Fase: Construção/Exploração Duração: Permanente Reversibilidade: irreversível
4.	Elevado	Não se prevêem quaisquer impactos.
5.	Reduzido	Não se prevêem quaisquer impactos.
6.	Médio/Elevado	Tipo de Impacto: Num raio de ca de 450m em redor do vértice geodésico do Cabeço foram detectados vestígios que indiciam a presença de um povoado murado de época Pré-histórica e vestígios materiais de ocupação em períodos históricos. Os achados distribuem-se de forma concêntrica em redor do geodésico, pelas sucessivas plataformas naturais. Trata-se de uma zona muito sensível sob o ponto de vista patrimonial. A abertura de aceiros e/ou a colocação de apoios do ramal de ligação à rede eléctrica deverá estar sempre condicionada ao cumprimento de rigorosas medidas de minimização que pressuponham nova prospecção e a realização de sondagens arqueológicas prévia à execução do projecto.

		Natureza: Negativa Magnitude: Elevada Ocorrência: Provável Fase: Construção Duração: Permanente Reversibilidade: Irreversível
7.	Médio/Elevado	Tipo de Impacto: O achado isolado de um instrumento lítico talhado desta natureza indicia a presença de um sítio arqueológico de cronologia Pré-histórica (eventualmente do Paleolítico Superior) nas imediações, i.e. num dos patamares da encosta. O local poderá vir a ser afectado pela abertura de aceiros ou movimentação de máquinas. Natureza: Negativa Magnitude: Elevada Ocorrência: Certa Fase: Construção Duração: Permanente Reversibilidade: Irreversível
8.	Médio /Reduzido	Tipo de Impacto: A fonte localiza-se sobre o traçado esquemático do ramal de ligação à rede eléctrica, numa zona baixa, entre duas linhas de água, pelo que poderá não ser visada directamente pela construção de um apoio, mas pela abertura de aceiros ou movimentação de máquinas. Natureza: Negativa Magnitude: Média Ocorrência: Provável Fase: Construção Duração: Permanente Reversibilidade: Irreversível
9.	Médio	Não se prevêem quaisquer impactos.
10.	Reduzido	Tipo de Impacto: Os achados de superfície foram identificados no traçado previsto do ramal de ligação à rede eléctrica, Pese embora esta área não esteja sobre a linha, a abertura de aceiros ou movimentação de máquinas na sua envolvente poderá criar impactes negativos. Natureza: Negativa Magnitude: Média Ocorrência: Pouco provável Fase: Construção Duração: Permanente Reversibilidade: Irreversível
30.	Elevado	Tipo de Impacto: O sítio 30 encontra-se a ca. de 300m para poente do traçado do ramal de ligação à rede eléctrica nacional. Natureza: Negativa Magnitude: Média Ocorrência: Pouco provável Fase: Construção Duração: Permanente Reversibilidade: Irreversível
31.	Elevado	Tipo de Impacto: O sítio 30 encontra-se a ca. de 400m para poente do traçado do ramal de ligação à rede eléctrica nacional. Natureza: Negativa Magnitude: Média Ocorrência: Pouco provável Fase: Construção Duração: Permanente Reversibilidade: Irreversível
32.	Elevado	Não se prevêem quaisquer impactos.

33.	Elevado	Não se prevêem quaisquer impactos.
34.	Elevado	Tipo de Impacto: O monumento de Pena Mosqueira 2 situa-se a ca. de 350m para sul do traçado provisório do ramal de ligação à rede eléctrica. Natureza: Negativa Magnitude: Média Ocorrência: Pouco provável Fase: Construção Duração: Permanente Reversibilidade: Reversível
35.	Elevado	Não se prevêem quaisquer impactos.
36.	Elevado	Não se prevêem quaisquer impactos.
37.	Elevado	Não se prevêem quaisquer impactos.
38.	Elevado	Não se prevêem quaisquer impactos.

8. Medidas de minimização

Após a análise dos resultados dos trabalhos efectuados conclui-se que nas áreas abrangidas pelos principais componentes do empreendimento – central hidroeléctrica, conduta forçada, açude e albufeira – foram inventariadas 5 ocorrências patrimoniais embora se prevejam impactes directos e negativos apenas para os sítios 01 e 03. O primeiro, recordamos, trata-se de um achado isolado sobre o traçado da conduta forçada (01) e o segundo é um açude em pedra semi-destruído no Rio Angueira e que será afectado pela criação da albufeira projectada (03).

Quanto ao sítio 01 (Foz da Ribeira das Lagas) preconizamos a realização de nova prospecção sistemática na área a afectar pela construção da conduta forçada, visto que o achado indicará a presença de um sítio arqueológico nas imediações e, evidentemente, o acompanhamento arqueológicos dos trabalhos em fase de obra.

Dever-se-á acautelar a ocorrência de vestígios arqueológicos aquando da beneficiação do acesso que conduz desde Algosó até ao local de construção do açude, na margem direita, visto que o caminho passa na base do Castelo dos Mouros (04). As obras neste local, tal como nos demais, deverão ser acompanhadas presencialmente por um arqueólogo.

Propõem-se, como medidas de minimização, para o sítio afectado directamente pelo projecto de AHE de Algosó - Senhora da Assunção (ocorrências 03), assim como para a Ponte de Algosó e calçada medieval associada (ocorrência 02), o seu Levantamento e Registo, o que pressupõe a elaboração de um

dossier onde conste documentação gráfica, fotográfica e breve memória descritiva dos sítios, incluindo a sua rigorosa geo-referenciação, levantamento topográfico e arquitectónico de planta e alçados.

A Ponte de Algosó (02) poderá vir a ser afectada em caso de «onda de cheia», provocada por eventual ruptura do açude. Dada a sua proximidade de uma das frentes de obra preconiza-se ainda o total condicionamento à passagem de veículos pesados e máquinas quer sobre a ponte, quer a calçada medieval, assim como se deverá condicionar ainda o trânsito destes veículos junto ao leito do rio e nas imediações da Ponte. A beneficiação e/ou prolongamentos de caminhos de acesso às frentes de obra deverão acautelar a salvaguarda do troço da calçada medieval. Por outro lado, dada a relevância deste elemento patrimonial, deverá ser promovida a integração paisagística do açude, por forma a reduzir a sua visibilidade desde a ponte, pese embora a sua distância no actual projecto, a redução substancial da altura da coroa e o curso meândrico do rio atenuem significativamente o impacto visual. Os acessos utilizados durante a construção do AHE de Algosó - Senhora da Assunção deverão ser renaturalizados após o fim das obras, por forma a manter o enquadramento da ponte e da calçada medieval, sendo importante reiterar que o trânsito rodoviário na ponte se encontra interdito.

Por fim, recomenda-se a monitorização da ponte medieval de Algosó durante a construção do AHE na zona de açude e emboquilhamente montante do túnel de modo a garantir a integridade física da estrutura face aos movimentos de máquinas, rebentamentos e movimentos de terras. Em 2007 foi emitido um Parecer Técnico pelo Instituto da Construção da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto que relata os resultados da avaliação do estado estrutural da Ponte de Algosó perante a possibilidade de ocorrência de explosões decorrentes da construção dos componentes do AHE nas suas proximidades. Face às patologias e aos problemas de degradação estrutural identificados o estudo refere o seguinte:

A Ponte de Algosó “exibe algumas patologias que evidenciam alguma fragilidade face a solicitações deste tipo (dinâmicas) e a necessidade de controlar o uso de explosivos.

Como tal, e como recomendação prévia, poder-se-á referir a necessidade da elaboração de um plano de desmonte que vise a detonação sequencial das cargas explosivas (e não simultânea) de modo a permitir uma atenuação dos efeitos da vibração através da propagação de diferentes ondas em contra fase. Tal vantagem só será possível se efectuado um rigoroso plano de detonação e estudadas, com o devido rigor, as características do material a desmontar. Deste modo será facilitado o controlo das velocidades de vibração que a Norma Portuguesa NP-2074 impõe.

*É com base na referida norma (NP-2074) que deverão ser limitadas as velocidades, tanto no local da explosão, como junto à Ponte. As velocidades de vibração deverão então ser monitorizadas sempre que ocorram explosões, não devendo os seus valores exceder os **30mm/s** no local de detonação e os **5mm/s** na Ponte de Algosó. Estes valores são baseados no pressuposto de se efectuarem um máximo de 2 detonações diárias; caso contrário o valor limite para a Ponte de Algosó será de **3,5mm/s**.*

O limite de 30mm/s na zona de detonação serve simultaneamente para impedir a ocorrência de danos no terreno que se possam revelar graves a médio/longo prazo e para permitir um melhor controlo das velocidades na ponte. Com este limite, e considerando a distância entre a ponte e os locais de

detonação (cerca de 250m), crê-se que o terreno maioritariamente rochoso entre a ponte e os locais de detonação possibilitará uma dissipação de energia satisfatória, ajudando assim a cumprir os limites impostos para a ponte.

Os limites impostos para a ponte assumem-se como os mais importantes pelo que foi já descrito sobre a estrutura da mesma, devendo ser encarados com o devido rigor. Na sua obtenção foram tomados os seguintes valores constantes na Norma Portuguesa NP-2074:

= 1. Este valor é recomendado para solos coerentes muito duros, o que será o correspondente ao solo que se encontra na zona da ponte;

= 0,5. Este valor é recomendado para construções que exigem cuidados especiais, como é o caso da Ponte de Algosó;

= 1. Este valor é recomendado para os casos em que o número médio de solicitações é inferior a 3. Caso contrário, o valor constante na norma é de 0,7.” (Costa, et al., 2007: 8-9)

Considera-se conveniente ainda que sejam efectuadas “reparações antes da ocorrência dos rebentamentos de forma a que possam, no caso do refechamento das juntas, servirem como monitorização da estrutura. Aquando dos rebentamentos se verificarem novas aberturas de juntas ou um aumento das existentes (se estas não forem refechadas antes dos trabalhos de explosão) deverão ser novamente contactados os técnicos do IC para nova inspecção à estrutura” (Costa, et al., 2007: 10). “A argamassa deverá ser compatível com a estrutura existente aconselhando-se o uso de uma argamassa de cal à semelhança da que existe ainda na estrutura”, fazendo-a penetrar o mais fundo possível na junta (Costa, et al., 2007: 6).

No que respeita ao traçado do ramal de ligação à rede eléctrica nacional apresentado no EVTE do AHE de Algosó - Sra da Assunção, e face ao cariz preliminar do mesmo, preconiza-se, como medida de minimização, a prospecção sistemática do traçado final com indicação do local de implantação dos respectivos apoios aquando da sua representação cartográfica definitiva em fase subsequente do processo de avaliação do AHE de Algosó – Senhora da Assunção, preferencialmente em fase de elaboração do RECAPE. Na eventualidade de serem projectados neste contexto a abertura de aceiros, a beneficiação de caminhos rurais existentes, ou estaleiros, também estas zonas deverão ser objecto de prospecção arqueológica prévia à fase de construção. Só perante os resultados obtidos no âmbito destes novos trabalhos se deverá proceder à análise e avaliação definitiva dos impactos sobre bens patrimoniais e, logo, preconizar as respectivas medidas de minimização que poderão passar pela realização de sondagens arqueológicas no local dos apoios que possam vir a afectar negativamente sítios identificados e o acompanhamento arqueológico.

Para além das medidas de minimização específicas referidas acima, preconizam-se as seguintes medidas de carácter geral:

- Avaliação arqueológica do terreno prévia à fase de construção sobre os locais de instalação dos estaleiros, áreas de depósito de terras, e sobre os troços dos caminhos que sejam objecto de prolongamento e/ou beneficiação;

- Acompanhamento arqueológico presencial e a tempo inteiro nas diferentes frentes de obra, incluindo a ligação à rede eléctrica, sempre que as acções pressuponham o revolvimento de terras (desmatações, decapagens, escavações, terraplanagens).

9. Bibliografia

Alves, F. M. 1934. Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte: Porto: Emp. Guedes, vol. 9, p. 718.

Costa, A., Paupério, E. Lopes, V. 2007. *Ponte de Algosó. Parecer Técnico*. Instituto da Construção da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Hidroerg – Projectos Energéticos. 2014. Aproveitamento Hidroelétrico de Algosó - Estudo de Viabilidade Técnico-económica.

Sanches, M. J. 1992. *Pré-história Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Monografias Arqueológicas 3, GEAP, Porto

Sanches, Maria de Jesus (1987) – A Mamoa 3 da Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro). In *Arqueologia*. Porto. 15, p 941-115

Sande Lemos, F., 1993. Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental, Braga: Universidade do Minho, 6 vols.

Inventários patrimoniais disponíveis em linha consultados entre Agosto e Outubro de 2014:

Endovélico – <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios>

Direcção Geral do Património Cultural (DGPC) – <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

Outubro 2014

Anexo 1

Carta das Áreas Prospectadas e Ocorrências Patrimoniais

Anexo 2

Carta das Áreas Prospectadas e Ocorrências Patrimoniais (CMP 1/25 000, folhas 80, 94, 108)

Anexo 3

Resultados das acções de prospecção arqueológica sobre os traçados do ramal de ligação à rede eléctrica nacional propostos em fases anteriores ao actual projecto do AHE de Algosó-Senhora da Ascensão.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	2
1.1. DESCRIÇÃO DO PROJECTO E DAS SUAS ÁREAS DE INCIDÊNCIA	3
2. ACÇÕES REALIZADAS FACE AOS OBJECTIVOS PROPOSTOS	9
2.1. PERÍODOS DE REALIZAÇÃO EFECTIVA DAS ACÇÕES	11
2.2. EQUIPA TÉCNICA	11
3. METODOLOGIA	11
4. ESTUDO PRÉVIO	12
4.1. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA E FISIOGRÁFICA DA ÁREA EM ESTUDO – O QUADRO NATURAL	12
4.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO	13
5. CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS PROSPECTADAS, OCORRÊNCIAS PATRIMONIAIS E SUA RELAÇÃO COM OS PRINCIPAIS COMPONENTES DO PROJECTO	19
5.1. ZONA 1 – CENTRAL HIDROELÉCTRICA E CONDUTA FORÇADA	19
5.2. ZONA 2 – AÇUDE E REGOLFO DA ALBUFEIRA NAS MARGENS DO RIO ANGUEIRA E RIBEIRA DA PONTE DE PAU	21
5.2.1. A PONTE E CALÇADA DE ALGOSO	26
5.3. ZONA 3 – INVENTARIAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS SOBRE O TRAÇADO PROVISÓRIO DO RAMAL DE LIGAÇÃO À REDE ELÉCTRICA NACIONAL	29
5.4. ESTALEIROS E ESCOMBREIRAS	32
6. INVENTÁRIO DAS OCORRÊNCIAS PATRIMONIAIS	34
7. AVALIAÇÃO DE IMPACTES SOBRE O PATRIMÓNIO	84
8. MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO	87
9. BIBLIOGRAFIA	90
<u>ANEXO 1</u>	<u>91</u>
<u>ANEXO 2</u>	<u>92</u>
<u>ANEXO 3</u>	<u>93</u>